



Estratégia
Concursos

Aula 00

*SEAP-AM - Polícia Penal-AM (Policia
Penal) História e Geografia do Amazonas*

Autor:

Sergio Henrique

29 de Março de 2024

Sumário

Aspectos Históricos da Região Amazônica Amazônia Pré-Colombiana: Ocupação, Vestígios Arqueológicos e Traços culturais	2
Origem e Distribuição das Populações Indígenas	3
Grupos Linguísticos e Tribais dos Indígenas da Amazônia	6
O Modo de Vida e a Organização dos Grupos Tribais	8
Os Cacicados Amazônicos	9
Estimativas Demográficas	10
O Sistema Colonial e a Organização Político-Administrativa e Militar na América Portuguesa	11
Missões e Fortalezas	13
A União Ibérica (1580-1640) e o Tratado de Madri (1750)	14
Expedições do Século XVII: a de Francisco de Orellana e a de Ursúa e Aguirre	14
Ocupação Militar: O Forte do Presépio e a Expulsão dos “Estrangeiros”	15
Expedição de Pedro Teixeira	16
A presença dos Bandeirantes na Amazônia	17
Organização da Força de Trabalho Indígena	21
A Fortaleza de São José do Rio Negro	24
Amazônia Pombalina: Portugal Metropolitano 1750-1777	24
O Tratado de Madri 1750	26
O Estado do Grão-Pará e do Maranhão	29



Governo de Mendonça Furtado 1751-1769	29
A Capitania de São José do Rio Negro 1755-1825	31
A Presença da Igreja Católica na Região Amazônica no Período Colonial	32
As Ordens Religiosas	34
Os Capitães de Aldeia e o Regimento das Missões	35
A Cia de Comércio do Maranhão e Grão Pará	35
Exercícios	36
Lista de Questões	48
Considerações Finais	54

Aspectos Históricos da Região Amazônica Amazônia Pré-Colombiana: Ocupação, Vestígios Arqueológicos e Traços culturais

América pré-colombiana é a América indígena, antes da chegada de Cristóvão Colombo, que marca o início da colonização do continente. Aqui no Brasil alguns usam a expressão pré-cabralina, ou pré-cabraliana.



É a etapa da História anterior à invasão e colonização dos portugueses, em 1500, protagonizada pelo navegador Pedro Álvares Cabral, à época em que a região que hoje é o território brasileiro era ocupada por milhares de povos indígenas.

Muitas tribos praticavam um ritual que chocou muito os europeus: a antropofagia, ou seja, o canibalismo. Esta prática, contudo, era acompanhada de um longo ritual que poderia durar meses, eles acreditavam que ao ingerir a carne do inimigo iriam adquirir suas habilidades.

O termo história pré-cabralina do Brasil não é o mesmo que pré-história do Brasil. O termo "pré-história" é combatido por alguns acadêmicos, pois partiria de uma visão **eurocêntrica** de mundo, na qual os povos sem escrita seriam povos sem história. No contexto da história do Brasil, essa nomenclatura não aceitaria que os indígenas tivessem uma história própria. Por essa razão, costuma-se, hoje, denominar esse período histórico como pré-cabraliano.

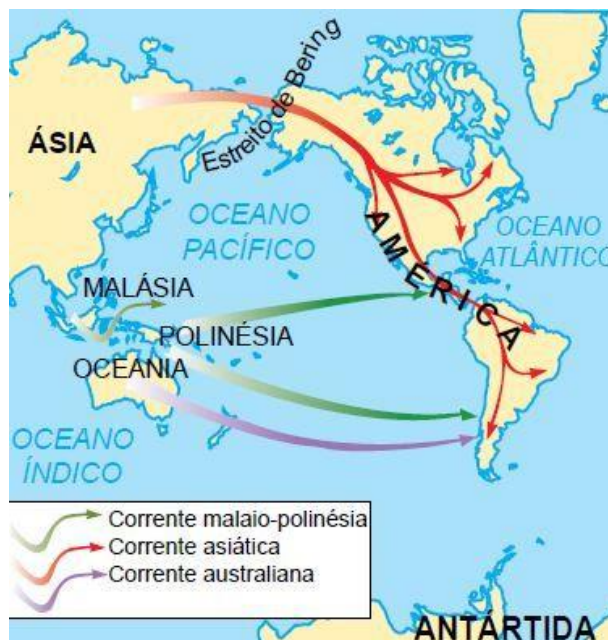
Origem e Distribuição das Populações Indígenas

Segundo estudos arqueológicos, as datações mais antigas para o vale amazônico indicam vestígios da ocupação de caçadores-coletores entre os períodos de 10.000 a 1.000 anos antes de Cristo. Sobre a origem desses povos, há pelo menos 3 correntes interpretativas, como podemos analisar no mapa das correntes migratórias que povoaram a América.

Entretanto, independente das direções que o homem americano tomou para chegar à Amazônia, o certo é que há evidências claras de que se encontrava na região a partir de **14.700 a.C.**

Para o restante do Brasil, estudos realizados em outras regiões atestam a presença de fósseis humanos anteriores a 41.500 a.C., em localidade como São Raimundo Nonato, no Piauí, e sítios arqueológicos na região de Lagoa Santa, no Estado de Minas Gerais.





Possíveis correntes migratórias para a América.

Chamamos de **paleoíndios** (antigos) os que viveram por volta de 7.500 a 11.000 anos. Eram caçadores, coletores e pescadores. E viviam no Norte do rio Orenoco, Sul do Amazonas e rio Galera, no Mato Grosso, onde há o sítio arqueológico Abrigo do Sol.

De acordo com o arqueólogo Eurico Miller há vestígios humanos em Rondônia há aproximadamente 12.500 anos, de onde podem ter se irradiado para outras áreas próximas, nos séculos seguintes. Caribes e Arauaks já ocupavam as regiões das Guianas e Nordeste da Amazônia, e os Panos o vale do rio Ucayali.

Pesquisas da Universidade de São Paulo comprovam a ocupação na região do município de Iranduba e áreas próximas a Manaus há pelo menos 7.700 anos.

É chamada **fase arcaica** a dos indígenas que habitaram entre 7500 e 1000 anos. Eram sociedades que desenvolveram uma agricultura de subsistência, na foz do Orenoco, na costa da Guiana e no baixo amazonas e sua foz mista. Produziam machados de pedra polida e construíam **sambaquis**. São estruturas de conchas empilhadas que ainda desconhecemos o porquê foram construídas.

O conjunto arqueológico de Santarém é o de Taperinha, constituído de cerâmicas bem elaboradas, matizadas de vermelho, além de utensílios diversos fabricados de pedra e ossos de animais.





Depósito de Sambaquis, na fazenda Taperinha, foto Talita Baena



Pintura rupestre no paredão do sítio arqueológico Serra da Lua, que apresenta 41 painéis, no município de Monte Alegre, noroeste do Pará. Antes consideradas frutos de um período específico de ocupação humana, as pinturas de Monte Alegre indicam uma ocupação descontínua da região desde 12 mil até 500 anos atrás. Cerâmicas de 6 mil anos atrás foram encontradas próximas dali, no sambaqui Taperinha, no município vizinho de Santarém.

National Geographic.

Grupos Linguísticos e Tribais dos Indígenas da Amazônia



Há 8 grupos linguísticos divididos em milhares de idiomas. São mais de 700 línguas identificadas: Tupi, Aruak, Tukano, Carib, Gê, Pano, Katukina e Xiriana.

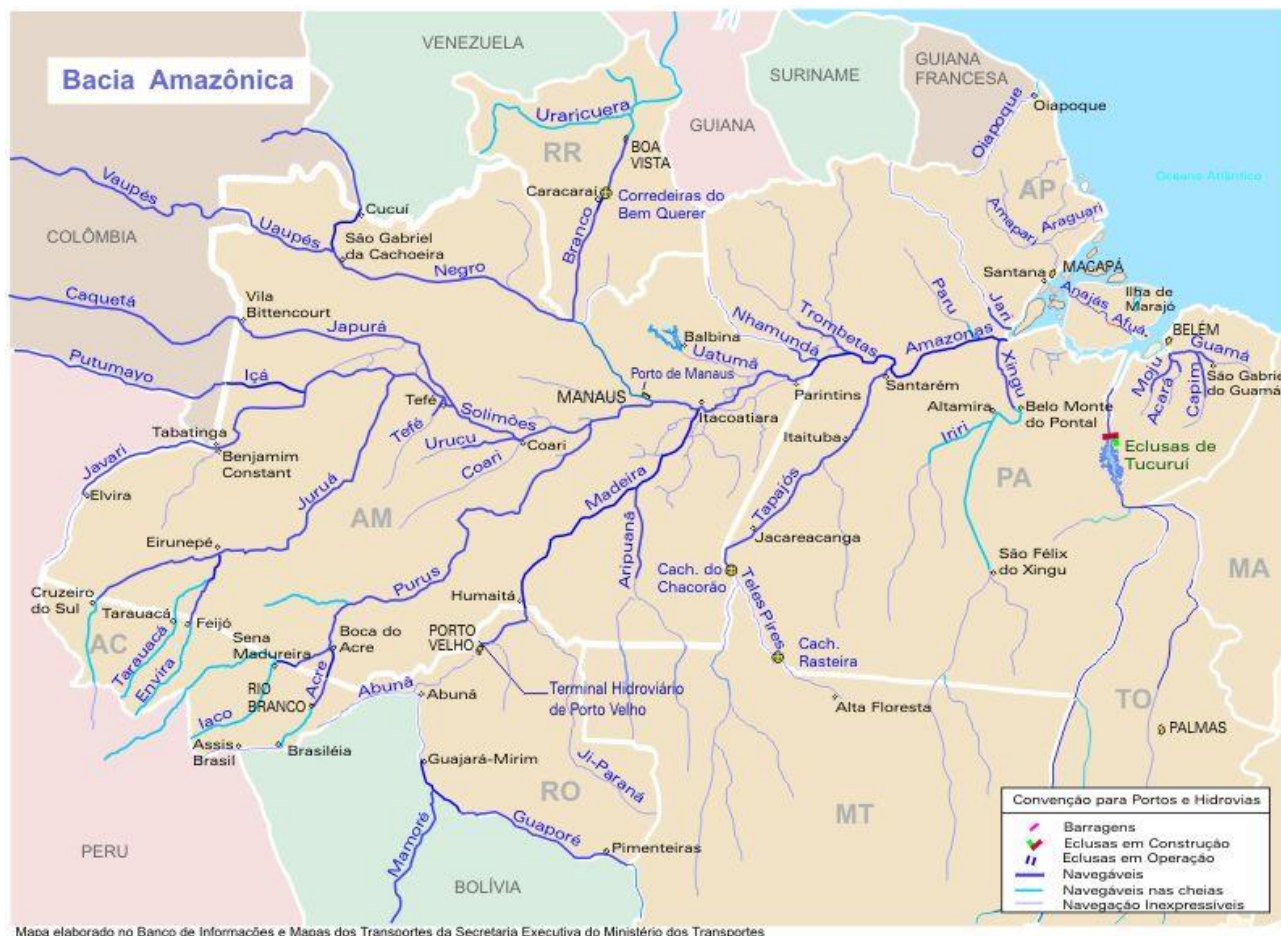
O tupi era a língua mais falada pelos povos do baixo Amazonas, e dos que entraram em contato com Cabral e os primeiros colonizadores europeus. Mereceu até a criação de uma gramática elaborada pelo Padre José de Anchieta. No século XVI, quando Cabral chegou ao Brasil, havia por volta de 5 milhões de indígenas, de mais de 1000 etnias e falantes de mais de 1.300 línguas.

Os cronistas que por aqui passaram no período da colonização identificaram diversos povoadamentos indígenas, os quais batizaram de “províncias”. As seis principais eram:

- ✓ Província de Aparia/Omágua: região do baixo rio Napo até os rios Javari e Içá.
- ✓ Província Machifaro: margem esquerda do Solimões, entre os rios Tefé e Cuari.
- ✓ Província do Solimões: rio Cuari e a foz do rio Purus.
- ✓ Província de Paguana e Carabuyana: esquerda do Solimões depois de Codajás até o rio Purus.



- ✓ Província de Conduris e Tapajós: ambas as margens do Amazonas, indo desde o rio Nhamundá até o estreito de Óbidos. Batizada de Província de São João do Tapajós.
- ✓ Província dos Índios Negros: limites dos rios Tapajós e Xingú.



Mapa da Secretaria Executiva do Ministério dos Transportes

A província de Omágua era formada por vinte grandes povoados, cada um formado por cerca de cinquenta casas, nos lados dos rios. Cultivavam mandioca e milho. É onde habitavam os Omáguas, que eram chamados pelos colonizadores de **Cambebas**, cabeça chata, na língua geral. Trajavam-se pomposa e colorida, tecidas com algodão. Foram dizimados pela ação militar e epidemias.

Os **Machifaro** viviam na margem esquerda do Solimões entre os rios Tefé e Coari. Foram relatados pelas crônicas do Frei Gaspar de Carvajal como uma das mais desenvolvidas que encontraram em termos de produção de alimentos e artesanatos. Tinham um papel central no comércio entre as tribos. Foram aldeados pelos missionários espanhóis e depois pelas missões carmelitas.



Os indígenas da província do Solimões viviam entre o rio Coari e a foz do rio Purus. Construíam barcos enormes, eram excelentes navegadores e comercializavam com as tribos da terra firme e das várzeas. construíam grandes ídolos feitos de fibras trançadas, tinham enormes orelhas furadas e ostentavam braceletes.

Os Conduris e Tapajós ocupavam as margens do Amazonas do rio Nhamundá até o estreito de Óbidos. Essa é a província da lenda das amazonas, de Orellana. Os índios negros estavam nos limites do Tapajós e Xingu, na região da cidade paraense de Monte Alegre. Eram altos, com compleição física avantajada e pintavam-se de negro.

O Modo de Vida e a Organização dos Grupos Tribais

Os povos ameríndios atuais habitavam a Amazônia há cerca de **2 mil** anos antes da chegada dos europeus. Quando eles chegaram, no século XVI, os povos ameríndios não eram unificados ou homogêneos, mas muito diversos culturalmente. Cada povo indígena possuía um modo próprio de organizar suas relações sociais, políticas e econômicas.

Toda organização social, cultural e econômica estava relacionada a uma concepção de mundo específica de cada grupo tribal. As mitologias e os conhecimentos tradicionais acerca do mundo natural e sobrenatural orientam a vida social, os casamentos e os hábitos cotidianos.

Em geral, eram populações que praticavam pesca, coleta de produtos naturais e agricultura. Na diversidade existente encontrávamos desde pequenos agrupamentos até os cacicados, grandes tribos, organizadas em núcleos ligados a um central, populosas e com alimentos abundantes.

O cultivo da **mandioca** era a base de sua alimentação. Produziam farinhas e beijus. Os europeus adaptaram-se melhor aos trópicos ao seguir a alimentação indígena. As expedições feitas por terra costumavam plantá-la na ida para se alimentarem na volta.

Desenvolveram variadas técnicas de uso da terra e de enriquecimento do solo. Selecionaram espécies e produziram espaços, mas ainda há o “mito da Amazônia virgem”.

As populações indígenas foram reduzidas drasticamente, sobretudo por causa das doenças trazidas pelos europeus, além da escravização e o tráfico de indígenas.

Segundo a Unesco, a organização social indígena apresentava, e ainda apresenta, uma diversidade que é resultado de experiências históricas, fazendo com que cada povo indígena possuísse um modo próprio de organizar suas relações sociais, políticas e econômicas.

Em geral, a base da organização social de um povo indígena é a família extensa:



É uma unidade social articulada em torno de um patriarca ou de uma matriarca por meio de relações de parentesco ou afinidade política ou econômica.

São assim denominadas por aglutinarem um número de pessoas e de famílias muito maior que uma família tradicional europeia.

Uma família extensa indígena geralmente reúne a família do patriarca ou da matriarca, as famílias dos filhos, dos genros, das noras, dos cunhados e outras famílias afins que se filiam à grande família por interesses específicos.

Acontecem a organização dos casamentos exogâmicos (casamentos cujos cônjuges pertencem a grupos diferentes) ou endogâmicos (casamentos cujos cônjuges pertencem ao mesmo grupo). As divisões hierárquicas entre grupos implicam no direito de ocupação de determinados territórios e seus recursos naturais.

Os Cacicados Amazônicos

Os cacicados foram grupos indígenas que se diferenciaram dos demais, pelo grau de evolução na organização social. Formavam povoamentos permanentes, localizados em grandes territórios que agrupavam milhares de “cidades” populosas, comparáveis a muitas da Europa.

Desenvolveram uma sofisticada agricultura com base no cultivo de raízes e sementes em larga escala, que lhes garantiam uma excelente dieta alimentar, abundante e nutritiva. Algumas chegavam a 50.000 habitantes.

A hierarquia social era disposta da seguinte forma:

1. Cacique – que era o chefe supremo
2. Nobres – geralmente parentes mais próximos do chefe
3. Plebeus
4. Servos
5. Escravos



Para dar sustentação a esse sistema de estratificação, era cobrado um tributo em forma de gêneros. Essas sociedades construíam templos e organizavam cultos a entidades consideradas sagradas.

Os caciques possuíam escravos e um serviço pessoal. Sua autoridade era baseada em sua origem divina. Comandava guerras e cerimoniais religiosos. construíam templos e faziam rituais religiosos.

A “**Cultura da Floresta Tropical**” é a prova mais consistente de que os povos amazônicos foram capazes perfeitamente de organizar sociedades adaptáveis às condições ecológicas locais, bem como evoluir culturalmente em grau próximo aos das culturas andinas e caribenhas, como atestam os relatos dos primeiros conquistadores, e as pesquisas arqueológicas realizadas na região.

O sentido da “Cultura da Floresta Tropical” só pode ser entendido a partir do conhecimento da organização das estruturas econômicas e demográficas das sociedades amazônicas.

Há evidências de que as sociedades que habitaram as várzeas se desenvolveram mais do que as de terra firme, mas foram destruídas nos primeiros 150 anos de conquista.

A “Cultura da Floresta Tropical” é um sistema social sedimentado na agricultura intensiva de raízes, principalmente a mandioca, complementada pelas atividades de caça, pesca e coleta.

O comércio entre as tribos era intenso e feito à base de trocas de produtos excedentes, principalmente a farinha. As trocas ocorriam entre os povos que habitavam as várzeas entre si, e com os da terra firme, onde também havia redes de trocas.

A canoa exercia um papel importante nesse comércio por ser o meio de transporte mais apropriado para a locomoção pelas longas distâncias dos cursos dos rios.

Não se dedicavam ao acúmulo pessoal de riquezas. Os bens materiais, a terra e a alimentação eram compartilhadas por todos os membros da tribo. Somente os objetos de uso pessoal, como as armas e os enfeites, eram guardados para cada indivíduo. Por isso mesmo, o que sobrava da produção era trocado por objetos que uma pessoa ou tribo não possuía. São trocas do tipo escambo, ou seja, não envolvem moeda.

Estimativas Demográficas

A Amazônia bastante povoada antes da presença europeia, segundo estudos de demografia histórica. Pesquisas apontam que as várzeas eram mais povoadas, de acordo as seguintes estimativas:



- ✓ 2,8 habitantes por km², para as grandes zonas de várzea,
- ✓ 1,2 habitantes por km², para as áreas de terra firme.

Essas cifras levam à conclusão de que havia entre 5.100.000 e 6.800.000 de habitantes na Grande Amazônia antes dos europeus.

Em todo caso, apesar dos notáveis avanços das pesquisas demográficas, é preciso frisar que tais cifras são hipotéticas, na medida em que chegar a estatísticas precisas é impossível, devido à falta de registros.

O Sistema Colonial e a Organização Político-Administrativa e Militar na América Portuguesa

Os primeiros contatos do europeu com a Bacia foram por meio da viagem de **Vicente Pinzón**, a serviço da coroa espanhola. Foi o primeiro navegador a identificar a costa norte do litoral brasileiro. Navegou e registrou o caminho desde o Amapá, onde descreveu a foz do rio Araguari e a Foz do Amazonas, e seguiu até Pernambuco. A bacia amazônica e sua foz eram uma das mais estratégicas regiões coloniais do planeta no século XVII.

O Brasil possuía dois núcleos de colonização, povoamento e exploração: O litoral canavieiro e o interior do país, só acessível através dos rios – daí a enorme importância das expedições fluviais, como as monções (expedições fluviais bandeirantes) pois os portugueses partiram para a colonização dos extremos dos territórios conhecidos.

Três pontos eram particularmente importantes para a geopolítica da colonização portuguesa: A foz amazônica, o vale do Guaporé e a foz do Rio da Prata.

O estratégico estuário do Prata era disputado pela coroa portuguesa e espanhola. Em 1680 Portugal fundou a colônia de Sacramento por lá. No Tratado de Madri, de 1750, ela foi trocada pelas missões jesuíticas espanholas no RS, os 7 povos das missões.

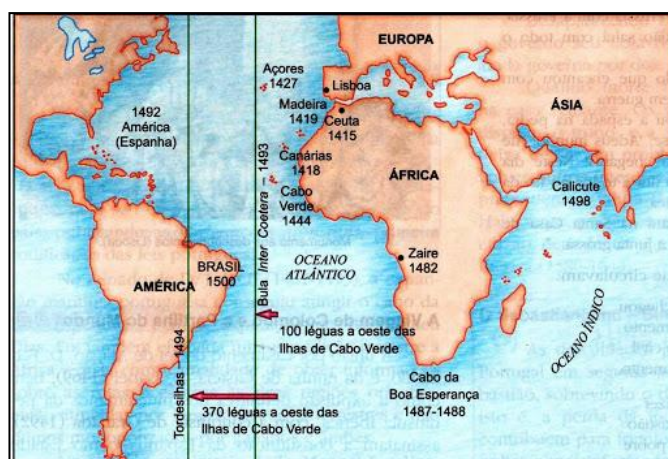
A foz amazônica e todos os territórios alcançados pela bacia, era um dos territórios mais vigiados de Portugal, tanto que na administração colonial já foi o vice-reino do Grão-Pará e capitania do Grão-Pará, que na época correspondia a todo o território amazônico.

Por muitos anos, grande parte da Amazônia pertenceu à Espanha, pelo Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494. Em 1493, as maiores potências eram Portugal e Espanha, que tentaram a Bula *Inter Coetera*, que



estipulava que as terras ocidentais à 100 léguas das ilhas de Cabo Verde (pequeno arquipélago africano próximo à Europa) seriam Espanholas, e as terras orientais, portuguesas.

Este acordo não foi assinado por Portugal, que somente concordou com o tratado de 1494, o de Tordesilhas, que estabelecia que as terras a oriente de 370 léguas das ilhas de Cabo verde seriam portuguesas. Perceba que este acordo ocorreu antes mesmo da chegada de Cabral em 1500.



Porém, à medida que outros países entraram na corrida pelas possessões ultramarinas, esse acordo passou a ser questionado, principalmente pelo rei da França, que indagava “onde estava o testamento de Adão, dizendo que o mundo era de Portugal e Espanha”. Nos anos seguintes, o território brasileiro passou a ser alvo de invasões estrangeiras francesas, inglesas e, no século XVII, holandesas.



A Espanha concentrou sua colonização no México e no Peru, onde encontraram metais preciosos, logo nos primeiros anos de colonização, o que fez com que não focassem suas atenções na região amazônica e a



deixassem em segundo plano. Enquanto isso, os colonizadores portugueses, aos poucos, foram ocupando a região, por meio de **expedições de bandeirantes, fundação de missões jesuíticas e bases militares**.

Missões e Fortalezas

Nos séculos XVI a XVIII o povoamento amazônico era feito principalmente por meio de Missões Jesuíticas e bases militares. Entre o século XVI e XVII destacam-se três elementos: O fogo a cruz e o boi.

Por onde passavam, os bandeirantes fundavam vilas, e os jesuítas seus colégios. Portugal mapeava e procurava fundar fortes militares. Bom exemplo é o **forte do Presépio**, na foz do Amazonas, construído em 1616 após a expulsão dos franceses do MA. Era necessário combater invasões estrangeiras, principalmente dos franceses, que tentaram colonizar o RJ e o MA e tentaram invadir o território amazônico.

A principal atividade econômica era a extração das **drogas do sertão**. Eram especiarias amazônicas, como o **cacau, urucum, canela, salsaparrilha, guaraná, baunilha, gomíferos** (seringueira e caucho) e demais produtos que pudessem atender à indústria de perfumes, de condimentos e de remédios na Europa. Eram extremamente valiosas no mercado europeu.

A sociedade colonial que foi formada era mestiça de índio, negro e branco, sincrética culturalmente, profundamente estratificada, escravista e dominada por uma elite branca e portuguesa os altos cargos da administração pública. Só podiam ocupá-los os chamados “homens bons”, ou seja, brancos, ricos, católicos e que não realizavam trabalhos manuais.

Mestiçagem: mistura de grupo étnico

Sincretismo: mistura de práticas culturais.

Em 1616 foi criada a capitania do Grão Pará. Foi desmembrada da capitania do Maranhão e tinha como objetivo principal aumentar o controle da Amazônia e aumentar o contato com Portugal.

O Grão Pará era um núcleo diferente de colonização com instituições coloniais públicas e privadas específicas para o território. Eram muito ligados a Portugal e à Inglaterra, tanto que a capitania do Grão Pará só aderiu à independência em 15 de agosto de 1823. Dom Pedro mandou fragatas militares que forçaram a adesão, mas mesmo após a independência brasileira, a região amazônica era mais próxima de Portugal que da capital RJ.



A União Ibérica (1580-1640) e o Tratado de Madri (1750)

Como todo este território espanhol foi parar nas mãos dos portugueses? Entre 1580 e 1640, Portugal e Espanha formaram um só governo e foram unificados. Esse contexto é o da **União Ibérica**, quando Portugal estava anexado ao Império espanhol, governado por Felipe II.

Tudo começou com uma crise sucessória em Portugal. Em 1578 morreu o rei de Portugal sem deixar herdeiros. O território do reino português foi anexado pelo reino espanhol, por causa da sucessão familiar do trono, dando início à “União ibérica”.

Neste contexto foram fundadas vilas além dos limites estabelecidos pelo tratado de Tordesilhas, pois tornara-se obsoleto, já que as duas coroas ibéricas estavam unidas.

No século XVIII, em 1750, foi assinado o **Tratado de Madri**, baseado no princípio do *uti possidetis* e incorporamos esse grande território que conferiu nossas dimensões continentais.

Expedições do Século XVII: a de Francisco de Orellana e a de Ursúa e Aguirre

A mítica cidade de Eldorado, que supostamente ficaria em algum ponto entre o Amazonas e as Guianas, era fonte de inspiração à época, como registrou um companheiro de Francisco de Orellana, o historiador Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, que divulgou relatos da expedição, com descrição das riquezas e dos habitantes da região, observações que foram publicadas em Veneza, em 1556.

Entre 1539 e 1541, o espanhol **Francisco de Orellana** foi o primeiro europeu a percorrer todo o curso do rio Amazonas, desde a Cordilheira dos Andes até o Oceano Atlântico.

A expedição de Orellana partiu de **Quito**, sob o comando de Francisco Pizarro. A embarcação de Orellana se perdeu após se separar do grupo, e navegou à jusante (no sentido da correnteza) e chegou a **Belém**.

Sofrerem inúmeras dificuldades, desde os eventuais problemas de reconhecimento do espaço até o violento encontro com as Içamiabas, índias belicosas que atacaram e expulsaram os espanhóis. O episódio recriou a lenda das amazonas, mulheres guerreiras na mitologia grega, e inspirou a imaginação dos aventureiros europeus. Por causa disso, o rio recebeu seu nome atual, Amazonas.



Entre 1559 e 1561 ocorreu a expedição dos espanhóis **Pedro de Ursúa** e **Lope de Aguirre**. Tentaram repetir a façanha de Orellana, mas quase não conseguiram. O comandante, Pedro de Ursúa foi assassinado pelo seu sucessor, Lope de Aguirre, apelidado de “el lobo”, que enlouqueceu vítima de delírio tropical.

Cruel em todos os aspectos, Aguirre também matou sua filha de quinze anos e vários indígenas. Tomou o comando por pouco mais de dois anos, até chegarem ao Atlântico e depois até a Isla Margarida, na Venezuela.

Ocupação Militar: O Forte do Presépio e a Expulsão dos “Estrangeiros”

As duas expedições mencionadas foram comandadas e ordenadas por espanhóis. A política portuguesa de defesa da Amazônia começou depois da expulsão dos franceses de São Luís do Maranhão, em 1612.

estabelecimento dos franceses no Maranhão, que começou a partir de uma feitoria fundada por Charles de Vaux e Jacques Riffaut, em 1594, na Ilha de São Luís. Eles foram vencidos em 1614, na Batalha de Guaxeanduba, o que foi um importante passo dado pelos portugueses para a expulsão definitiva dos franceses do Maranhão, em 4 de novembro de 1615.

Em seguida, expulsaram ingleses e holandeses da foz do Amazonas. Em 1616 foi construída a primeira fortaleza, o Forte do Presépio, em Belém.

O Forte do Presépio foi o ponto de irradiação de forças civis, militares e eclesiásticas dos portugueses. Dalí, Portugal e Espanha plantaram-se à foz do Rio Amazonas e se prepararam para combater ingleses e holandeses, então senhores do vantajoso comércio na calha do Rio Amazonas.

Teve diversos nomes, como Forte do Presépio de Belém, Forte do Castelo do Senhor Santo Cristo, Forte do Senhor Santo Cristo e Forte do Castelo.

Partindo de São Luís do Maranhão em 25 de dezembro de 1615, **Francisco Caldeira Castelo Branco** capitaneou uma expedição de 200 homens. Transportados em três embarcações, dirigiram-se à foz do Rio Amazonas, para fortificá-la e combater invasores.

Após 18 dias de viagem, a 12 de janeiro de 1616, desembarcaram nas tabas Tupinambá, onde havia uma gigantesca tribo indígena, conhecida pela sua valentia nas guerras, os Tupinambás ocupavam as duas margens da grande ilha (provavelmente a Ilha do Marajó). Espalhavam-se por todo o litoral brasileiro, do Sudeste ao Pará. Possuíam várias aldeias, como do Caju, Mortiguara



e Iguape. Eram exímios no arco e flecha. Segundo relatos da época, os Tupinambá eram tão temidos que, só em ouvir o nome, não havia quem não se rendesse.

Expedição de Pedro Teixeira

Depois de duas expedições espanholas desastrosas através da grande Floresta Amazônica, com o custo de milhares de vidas e de muito dinheiro, as autoridades espanholas desistiram em definitivo de qualquer esforço de colonização da região. Foi a partir dessa decisão que surgiu um personagem que conquistaria a Amazônia para Portugal: Pedro Teixeira. Embora esse reino estivesse anexado à União Ibérica, os exploradores tomavam posse em nome de Portugal.

Entre 1637 e 1639 seguiu até Quito mostrando a viabilidade de alcançar os mercados do pacífico via Amazônia. A expedição de Pedro Teixeira partiu de **Cametá**, instalou uma pequena fortaleza em Óbidos. Após breve estadia em Quito, retornou navegando até Belém e foi acompanhado de funcionários espanhóis que vieram registrando o percurso.

De Cametá saíram várias expedições exploratórias, como a de Pedro Teixeira, em 1673, com o Padre Antônio Vieira. No começo de século XVIII, a vila mudou-se do local inicial para onde hoje está a cidade, um lugar chamado pelos índios de murajuba, por causa do fenômeno natural da erosão da margem.

A cidade teve papel importante durante o movimento chamado Cabanagem, a explosão cívica libertária de maior repercussão na História da Amazônia e do Brasil Regência, ocorrida por volta de 1823. A cidade é tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional. WWF.org



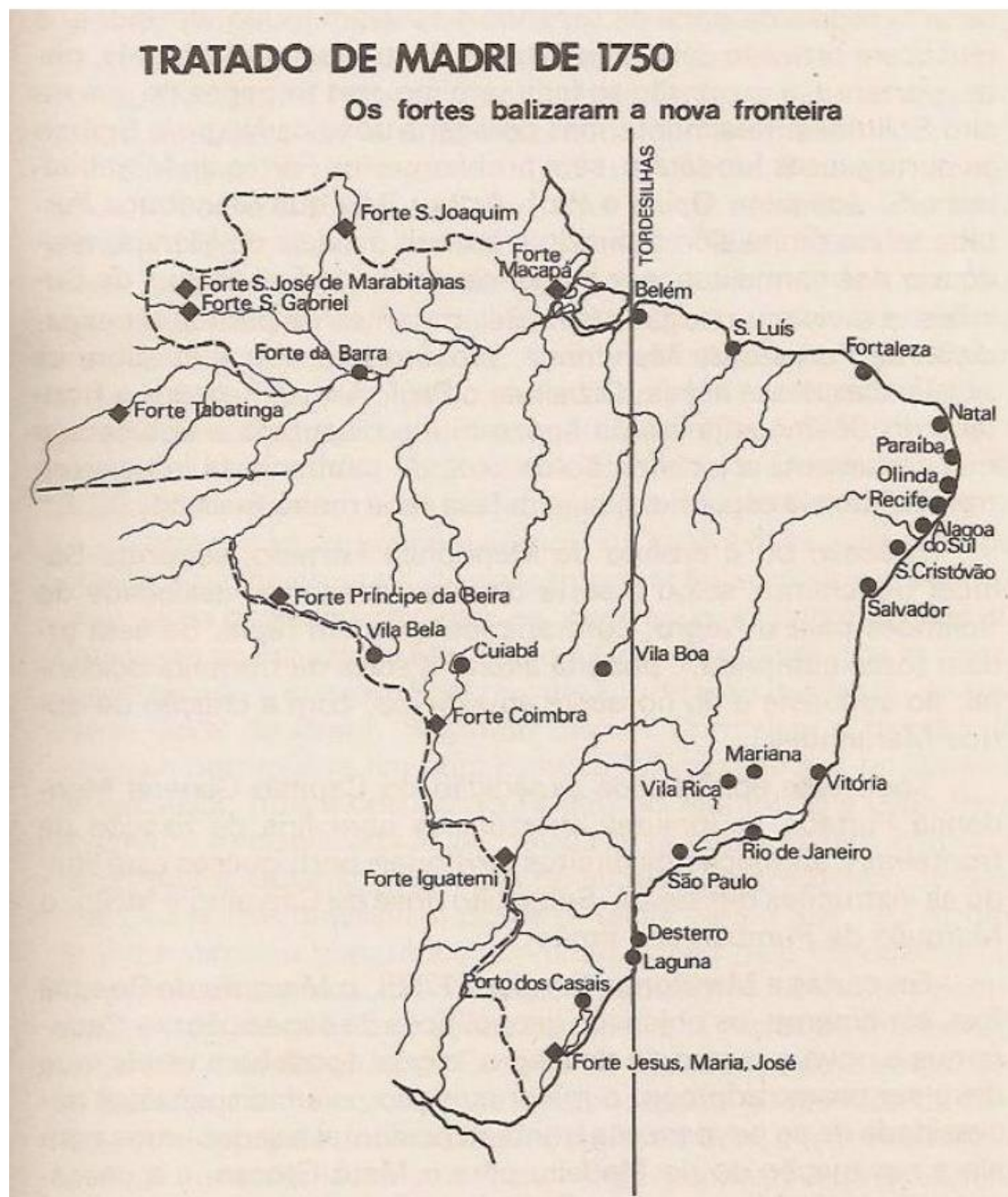


A viagem de Pedro Teixeira. Arquivo Histórico do Exército. Detalhe da pintura óleo sobre tela da Viagem de Pedro Teixeira, onde se vê atrás dele um padre franciscano e mais atrás sertanistas das tropas de resgate.

A presença dos Bandeirantes na Amazônia

Em 1647 a bandeira de **Antônio Raposo Tavares** saiu da antiga vila de São Paulo até encontrar o rio Mamoré, chegando ao Madeira em meados do século XVII, tendo sido considerada a primeira exploração de todo o curso do rio Madeira e regiões adjacentes. Dalí partiu para Belém. Percorreu mais de 5.000 km pelos sertões do continente americano. Essa expedição revelou acessos do sul do Brasil para a Amazônia e a importância do Rio Madeira e sua ligação com os altiplanos andinos.





Baseado nas datas disponíveis pelo exército brasileiro sobre as fortalezas na Amazônia, foram feitas na seguinte ordem cronológica:

Forte do Presépio, em Belém-PA, de 1616.

Forte de Santo Antônio de Gurupá, no Pará, em 1633.

Fortaleza de São José da Barra do Rio Negro, em Manaus-AM, de 1669.



Forte de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Paru, em Almeirim-PA, de 1680.

Fortaleza de São José de Macapá, no Amapá, em 1688.

Forte de Santo Antônio dos Pauxis de Óbidos, no Pará, em 1697.

Fortaleza do Tapajós, em Santarém-PA, de 1697.

Depois do Tratado de Madri de 1750, ergueram-se:

Forte Nossa Senhora da Conceição, em Costa Marques-RO, de 1754;

Forte de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, em 1761;

Forte de São José do Marabitanas, no Amazonas, em 1761;

Fortaleza de São José de Macapá, no Amapá, em 1764 (reestruturação);

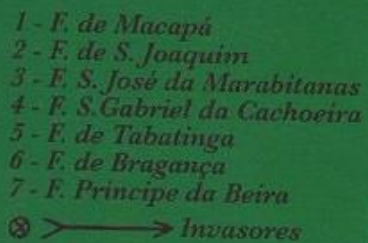
Forte São Francisco Xavier de Tabatinga, no Amazonas, em 1776;

Forte de São Joaquim do Rio Branco, em Boa Vista-RR, de 1775; e

Real Forte Príncipe da Beira, em Costa Marques-RO, de 1783



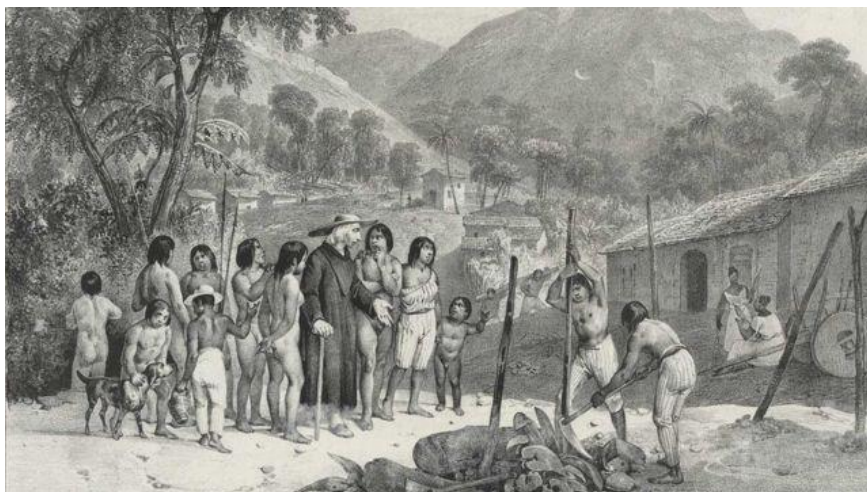
SEAP-AM - Polícia Penal-AM (Policial Penal) História e Geografia do Amazonas
www.estrategiaconcursos.com.br



Organização da Força de Trabalho Indígena

A conquista e a colonização em si só foram possíveis em função da **superioridade bélica do europeu sobre os nativos**, com o uso de táticas militares sofisticadas, da pólvora, do arcabuz, do aço e do cavalo, contra arcos e flechas, pedras, machados, lanças e venenos. Mesmo a despeito da inferioridade numérica dos brancos, eles sempre levaram vantagens sobre os indígenas, justamente por possuírem equipamentos avançados e armas mortíferas.

As **doenças** também passaram a ser instrumento de guerra. Podemos dizer sem medo, que os europeus travaram uma **guerra biológica** nas Américas. O sarampo, a varíola, o tifo, a gripe e a malária foram moléstias trazidas por eles, as quais produziram grandes epidemias entre as populações nativas da Amazônia, visto que os nativos, mesmo com seus conhecimentos de medicina natural e empírica, não conseguiam resistir aos efeitos nocivos destas doenças, ocorrendo, então, uma grande quantidade de mortes.



Relatos registrados ao longo da história do Brasil apontam para o uso proposital de doenças como armas biológicas. Atividade Missionária em Aldeia. Fonte: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53452614> >.

Os colonizadores escravizaram desde o início os indígenas. Os missionários vindos para catequizá-los combatiam a escravidão dos nativos. Alguns justificavam a escravização caso fossem catequisados, e caso não aceitassem a religião, estariam num grave pecado, então seria justificável.

A colonização inicialmente se concentrava no litoral açucareiro nordestino, A única capitania que vingou de verdade foi Pernambuco, de onde partiam as expedições que colonizaram pouco a pouco o litoral, onde implantaram o plantation escravista canavieiro até onde deu, ao Norte.

O modelo baseava-se na escravidão africana, que era o principal produto do mercantilismo da época, caro, movimentava uma grande cadeia produtiva entre Europa, África e América. A partir de onde é hoje o Piauí e o Maranhão eles eram muito caros e raros, e os colonos escravizaram os nativos.



É importante saber dessa informação, pois para o comércio nas colônias e pelo atlântico o tráfico negreiro era o mais importante e o foco da metrópole. Conforme avançou a colonização e a presença administrativa portuguesa, a tendência é tentar introduzir aos poucos a escravidão negra por meio das companhias de comércio metropolitano e proibindo a escravidão indígenas, como fora feito por Pombal. Mesmo assim, o tempo todo foram escravizados, ou surgiram modalidades de trabalho decorrentes do choque de interesses entre metrópole, colonos e missionários.

Surgiram diversas modalidades de organização do trabalho imposto aos indígenas, que conviveram simultaneamente, como os escravos, os descidos, os resgatados e os aldeados.

Os indígenas não trabalhavam nos moldes da sociedade mercantilista europeia, tão pouco compreendiam suas noções de riqueza como acúmulo. Em geral trabalhavam o tempo suficiente para produzir seu sustento e dedicavam-se a diversas atividades, entre elas, a mais valorizada, a guerra.

Eram taxados pelos colonizadores como indolentes e preguiçosos, pois eram forçados ao trabalho e submetidos a castigos violentos. O Padre Antônio Vieira afirmava em seus sermões, que quem era preguiçoso de fato era o colonizador, pois este até para beber água precisava que o índio fosse até o rio.

A economia indígena foi rapidamente destruída e seu modo de vida desarticulado pelos europeus. Os missionários os tornaram povos extrativistas, dedicados a extração das drogas do sertão.

As missões tinham por objetivo catequizar o nativo e propagar o cristianismo. Estavam sempre presentes nas vilas, rezavam as missas nos templos e pregavam também aos colonos. As missões eram grandes espaços onde o clero se instalava, eram construídos o templo e os locais de estudo. Possuíam terras onde era feita a agricultura e domínios onde aldeavam os indígenas, junto dos colonos.

Os aldeamentos também eram chamados de reduções, pois “reduziam os indígenas à civilização” em grandes aldeias, regidas pelos padres. Algumas tornavam-se vilas ou ficavam perto das principais. Nelas a escravidão comia solta e os padres ali pregavam. Muitos também achavam que eram povos inferiores e que nunca entenderiam a palavra de Deus, e o vaticano permitia que aprendessem ritos e se tornassem capelães, por exemplo, mas não um clérigo.

Há relatos de que não era raro conflitos começarem após sequestros de jovens indígenas. As tribos que as resgatavam e vingavam os ataques eram consideradas rebeldes, o que se tornava um argumento para atacá-las e escravizá-las, por exemplo.

As guerras justas eram expedições militares fortemente armadas, destinadas a punir e capturar índios rebeldes, que aceitavam lutar ao lado dos portugueses contra estrangeiros, sujeitar-se à autoridade do Estado



português e atuar, também, contra os índios que não aceitassem pacificamente a conversão ao cristianismo católico.

As diversas nações indígenas, desde as tribais ao grandes cacicados, ocupavam alguns territórios e eram seminômades, pois de acordo com o relato de jesuítas alguns territórios eram ocupados por alguns grupos no século XI e por outros no XVII, por exemplo. Como é comum em todas as sociedades humanas, os diferentes agrupamentos criam identidades e vivências com o território, e relacionam-se entre si de diferentes maneiras, então há grupos aliados e inimigos.

Os europeus exploravam habilmente as hostilidades entre os indígenas e tentavam aliar-se a alguns grupos. Conforme os colonizadores entravam em conflito faziam alianças com seus inimigos. Também se envolviam em guerras intertribais. Daí surgiram os **resgates**. Eram expedições feitas por tropas de guerra para resgatar indígenas prisioneiros de outras tribos. Era um mecanismo de comércio pessoas entre portugueses e tribos aliadas, em troca de bugigangas e objetos de pouco valor, mas quando o prisioneiro fosse ser devorado pela tribo que o capturou, ele poderia ser resgatado legalmente. À força, e transformando em escravo de quem o resgatou por dez anos., pela lei de 1611. Em 1626, quando o primeiro índio ia ser liberto, a lei foi modificada e passaram a ser escravos pelo resto da vida.

Pela Lei de 1611, a distribuição de índios para o serviço real e dos colonos seria feita em duas categorias:

Índios repartidos ou índios livres eram os índios que aceitavam ser “descidos” pacificamente de suas aldeias nativas para os povoamentos dos brancos e para próximo das missões.

Índios escravos eram índios capturados por ocasião dos “resgastes” e “guerras justas”, e os que eram trocados como prisioneiros das guerras intertribais.

Como o clero sempre se envolvia quanto a escravização, surgiram expedições comandadas pelos padres, os chamados **descimentos**. Os missionários procuravam convencer persuasivamente tribos inteiras a descirem o rio para trabalharem nos povoamentos dos europeus comandados pelos padres, os aldeamentos ou reduções, em troca de um salário.

Os descimentos de índios no estado do Maranhão e Grão-Pará constituíram-se na saída de nativos de seus territórios para ir habitar as aldeias missionárias administradas por religiosos regulares pertencentes às ordens atuantes no Estado, como a Companhia de Jesus, Santo Antônio, Conceição, Piedade, Carmo e Mercês.



A Fortaleza de São José do Rio Negro

1669 foi construída a fortaleza de São José do Rio Negro, que originou Manaus, para proteger a entrada do rio Negro, considerado um valioso local pela grande quantidade de indígenas a serem explorados. Temiam o comércio clandestino com os holandeses.

Além da proteção contra-ataques estrangeiros, servia para dar apoio às expedições predadoras de índios, que subiam o rio Negro e adjacências. Ao redor havia diversos grupos indígenas, entre eles os Tarumãs, os Barés, os Banibas, os Passés descidos do Içana e Japurá, que formaram o primeiro núcleo populacional mestiço da região que, posteriormente, recebeu o nome de “lugar da Barra”.

O forte era um acampamento de soldados e onde guardavam indígenas prisioneiros. Até ser totalmente destruído por um incêndio em 1874, era um lugar bastante rudimentar. Relatos de viajantes relatam no final do século XVIII, por volta de 1876, havia 47 brancos, 243 índios e 11 negros escravizados e 40 casas.

Entre 1791 e 1799, o lugar da Barra serviu de sede da Capitania do Rio Negro, por determinação do governador Lobo d’Almada. Em 1798 a sede da capitania voltou a ser Barcelos.

Em 1808 o Governador Joaquim Vitorino passou a sede da capitania para o Lugar da Barra. Em 15 de Julho de 1833, por determinação do novo **Código Criminal do Império**, o lugar recebeu o status de vila, com a denominação de **Vila de Manáos**.

Em 1848 a assembleia provincial do Pará, por meio da Lei nº 147, de 24 de outubro, elevou a vila à **Cidade de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro**. Com a criação da Província em 1850, tornou-se a capital.

Em 1856, pela lei nº68, de 4 de setembro, a cidade recebeu o nome de Manaus, em homenagem ao povo mais resistente a colonização, mesmo que não habitassem majoritariamente o lugar da cidade. O deputado Tavares Bastou se opôs, pois considerava uma homenagem a povos bárbaros e deveriam colocar um nome civilizado.

A novíssima assembleia editou um decreto instituindo a escravidão disfarçada dos índios, a título de “educação de índios selvagens”

Amazônia Pombalina: Portugal Metropolitano 1750-1777



Em 1750, morreu o rei de Portugal, D. João V, e seu filho, D. José I, assumiu o trono. Ele escolheu Sebastião José de Carvalho e Melo, o então Conde de Oeiras. Era um nobre muito culto e perspicaz. Era um déspota esclarecido, ou seja, homens de poder absoluto, como reis e ministros, que estudaram os clássicos e a filosofia de seu tempo, o iluminismo, e se guiavam por princípios racionais.



O futuro Marquês de Pombal o cargo de primeiro-ministro e enquanto o rei viveu. Ele foi um administrador português muito importante para o Brasil, que hoje possui um dos maiores territórios do mundo, pois em seu governo foi assinado o [Tratado de Madri](#), em 1750.

Ele tomou medidas para aumentar a presença administrativa da metrópole em sua colônia, para defendê-la, controlá-la e para fazê-la prosperar. Ele foi muito importante para a história da Amazônia, pois aumentou a militarização reforçou as fortalezas, conquistou legalmente o vasto território da floresta, e estabeleceu uma administração diferente para a Amazônia, por meio do [Estado do Maranhão e do Grão Pará](#), que se vinculava diretamente à Lisboa, não ao Rio de Janeiro.

Para estimular a atividade econômica comercial ele incrementou a atividade comercial através da Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão, por meio da qual dava estímulo à escravidão dos africanos em detrimento dos indígenas, pois proibiu escravizá-los. Muitos indígenas pelo vasto território amazônico foram estimulados a tornarem-se vaqueiros e agricultores. No período pombalino foi introduzida a pecuária e estimulada a agricultura de subsistência.

Impôs a língua portuguesa como a única válida no território. Os colonos falavam a língua geral, uma mistura do tupi e o português. A partir de então somente poderiam registrar crianças com nomes portugueses.



Estabeleceu um forte controle do Estado e o funcionamento eficiente da máquina administrativa, empreendidas, contra a nobreza e a Companhia de Jesus, que representavam uma ameaça ao poder absoluto do rei. Seu principal problema com os jesuítas era o grande poder que possuíam na colônia, por vezes maior que o da metrópole, e por alguns se insubordinarem às ordens da coroa portuguesa e se rebelarem contra elas, como nas Guerras Guaraníticas em 1753, nos 7 povos das Missões, pois os jesuítas se rebelaram contra a coroa portuguesa, armaram os guaranis e começaram uma guerra contra Portugal. O poder das missões extrapolava o teológico e isso ameaçava o controle metropolitano.

Entre seus principais objetivos estavam o de aumentar a arrecadação fiscal e **combater o contrabando**. Criou **casas de fundição**, postos de fiscalização pelos principais rios e fechou os caminhos internos que foram abertos pelos bandeirantes, como Raposo Tavares. Portugal acumulava déficits comerciais com a Inglaterra e suas dívidas eram pagas como o ouro das colônias.

Entre suas medidas administrativas mais emblemáticas foi a restrição dos poderes do Conselho Ultramarino, órgão português que cuidava da administração das colônias. Estabeleceu o fim das capitanias hereditárias em 1759 e no mesmo ano expulsou a ordem dos jesuítas do Brasil. Transferiu a capital colônia de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763, para que ela ficasse mais próxima da região mineradora, que se tornou o centro econômico mais importante para a metrópole.

O Tratado de Madri 1750

Logo após o Tratado de Madri, dividiu o território colonial em dois, **o Estado do Brasil**, com capital no Rio de Janeiro e o **Estado do Grão Pará e Maranhão**, com capital em Belém, em 1751. Cada Estado se vinculava diretamente à Lisboa. Cada um deles foi dividido em capitanias com o governo subordinado à capital Rio de Janeiro e Belém.

No início do século XVIII, a Bacia Amazônica Oriental do vale do Madeira ao do Guaporé, em quase toda sua totalidade, já era portuguesa. Eles ocuparam a região religiosamente, economicamente e militarmente, além disso, realizaram o mapeamento do território, um importante critério do Tratado de Madri, em que vigorou o princípio do *uti possidetis*, ou seja, o direito da posse é daquele que efetivamente a utiliza.

O Tratado de Madri baseou-se nas redes fluviais e estabeleceram marcos geográficos para definir as novas fronteiras. Por exemplo, o rio Guaporé e Paraguai eram fronteiras naturais, por onde foram estabelecidos marcos de posse

O tratado foi rejeitado pela Espanha, que o anulou no Tratado de El Pardo, de 1761. A Espanha passou a atacar a costa brasileira e invadiu a ilha e a vila de Desterro, atual Florianópolis, e pressionou para um novo acordo, em que pagava de volta os 7 povos das Missões no **Tratado de Santo Idelfonso, em 1777**, assinado



após a queda de Pombal. Os conflitos continuaram até que em 1801 foi restaurado as fronteiras de Madri pelo **Tratado de Badajoz em 1801**.





O Estado do Grão Pará e Maranhão foi criado em 1851 e englobava os territórios do Maranhão e do Piauí, vinculado à Lisboa, e neste Estado foi criada em 1755 a Capitania de São José do Rio Negro, cuja capital foi Barcelos. O capitão donatário foi Francisco Xavier de Mendonça Furtado, meio irmão de Pombal.

Em 1759 quando os jesuítas foram proibidos de atuarem no Brasil, suas missões tornaram-se vilas e Pombal estabeleceu que após a saída da ordem, os líderes tribais assumiriam o controle delas, mas Francisco Xavier Furtado não concordava com isso por achá-los inferiores e inaptos à civilização.

Em 1774, a fim de centralizar e aumentar o controle colonial, os Estados do Grão-Pará e Rio Negro e do Maranhão e Piauí passam à condição de capitania e foram integrados ao Estado do Brasil, sendo subordinados ao vice-rei do Brasil, com sede no Rio de Janeiro.

Em 1755 criou a **Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão**, que foi instalada em junho de 1755. Entre 1720 e 1740 ocorreram sucessivas epidemias de varíola que mataram grande parte da população, e por sugestão do governador Francisco Xavier, foi criada a Companhia de Comércio, para repor a mão de obra por meio de escravizados africanos.

Ela financiava atividades agropecuária. Na agricultura priorizavam arroz e algodão, pois eram importantes no mercado internacional, e na pecuária introduziu novas matrizes bovinas nos campos naturais e cultivados. Após o fim do governo de Pombal, foi extinta em 1778, pois se demonstrou inviável.



Em **1755 também decretou o Diretório dos Índios**, que durou até ser revogado por D. Maria I em 1778. Ele obrigava o uso da língua português, proíbe o uso das línguas indígenas e deveriam todos serem batizados com nomes portugueses.

Obrigava aos indígenas a construírem moradias no estilo dos europeus e as habitações coletivas de ancestralidade milenar foram proibidas. Foram instituídos dízimos de tudo que os indígenas produzissem e instituíram padrões de pesos e medidas na região.

Foi criado um salário pago com um pedaço de um tecido grosseiro e os obrigava a plantarem produtos de subsistência para o abastecimento das vilas e produtos de exportação, e recomendava que continuassem o interessantíssimo comércio das drogas do sertão.

Estabeleceram um Diretor dos Índios, escolhidos entre os homens ilustres, que tinham autoridade civil e militar. Estimulada os casamentos entre indígenas e brancos para branquear e povoar a região. Proibia a escravidão indígena e os diretores deviam convencê-los a trabalhar em troca de um salário.

O Estado do Grão-Pará e do Maranhão

Governo de Mendonça Furtado 1751-1769

Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1701-1769) foi capitão general do Exército e **governador geral do Estado do Grão-Pará e Maranhão** de **1751 a 1759**; depois foi secretário de Estado da Marinha e do Ultramar entre 1760 e 1769.

No início, Mendonça Furtado recebeu um conjunto de 38 diretrizes, geralmente referidas como as **"Instruções Régias"** ou "Instruções Secretas" de 31 de julho de 1751, descritas por um comentarista como **“um Projeto Português para a Amazônia”**.



Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador do Grão Pará. Pintura do século XVIII. Artista desconhecido.



O objetivo das Instruções Régias era "incorporar um território habitualmente esquecido e pouco explorado pela coroa portuguesa no sistema mercantil luso-brasileiro", e se concentravam em três tópicos:

1. a situação da população indígena da Amazônia;
2. os jesuítas e outras ordens religiosas, especialmente no que diz respeito a possíveis reformas em seu relacionamento com os índios;
3. fazer um levantamento mais aprofundado da natureza e extensão do potencial comercial da região, incluindo a expansão do comércio e o potencial para estabelecer plantações.

Quanto aos índios, segundo várias instruções Régias, Mendonça Furtado **deveria pôr fim à sujeição deles à escravidão** e, em vez disso, **arranjar-lhes um emprego assalariado**.

Nesse estágio inicial, a ideia de expulsar os jesuítas do Brasil ainda não estava totalmente na ordem do dia. No entanto, eles não ficaram isentos, porque Mendonça Furtado foi instruído a investigar a riqueza e a posse de suas terras, "com grande cautela, circunspeção e prudência".

Mas, evidentemente, Mendonça Furtado não enfrentava uma tarefa fácil. Os jesuítas eram suspeitos de explorar os indígenas e tratá-los com dureza caso recusassem trabalhar. Eram poderosos e era previsível a oposição dos padres ao seu governo. Além disso, a exploração do indígena se tornou um costume profundamente enraizado na estrutura econômica colonial. Mendonça Furtado também recebeu ordens para defender e **fortificar a bacia amazônica, demarcar as fronteiras e expandir a administração e desenvolver o comércio**.

Seguiu-se uma ação para fortalecer o sistema de defesa, aumentando o volume de homens e equipamentos, e expandindo as fortificações. Um grande programa de alistamento foi realizado em Portugal e, em abril de 1753, 900 homens foram embarcados para o Brasil para formar dois regimentos, um baseado em Belém e o outro em Macapá.

O uso de Macapá para fins de defesa foi estratégico devido à sua localização na costa atlântica e no estuário norte do Amazonas, na junção da foz do rio com o oceano. Um destacamento militar estava instalado numa pequena estrutura ali fortificada desde 1738., que deu origem à fortaleza de São José de Macapá.

Mazagão foi era uma colônia no Marrocos e Pombal ordenou a transferência dos Colonos para fundar a vila na foz do Amazonas.

Mas o forte, hoje conhecido como Fortaleza de São José de Macapá, só foi concluído em 1771, 20 anos depois de **Mendonça Furtado** ter posto em marcha o plano.



Mas isso era manifestamente inadequado para o governo português, e a mensagem foi bem transmitida a Mendonça Furtado. Em dezembro de 1751, dentro de três meses de sua chegada, ele viajou para o local, iniciando imediatamente os planos para a construção de um forte maior.

Outro local importante para Lisboa era o Rio Branco, pois eles souberam, em 1750, de relatos que diziam que os holandeses haviam entrado na região vindos do Suriname pelo rio Essequibo. O governo de Lisboa respondeu ordenando a construção do **Forte de São Joaquim do Rio Branco**, mas as obras só começaram em 1775, mais de 20 anos após o despacho original do rei ter sido expedido.

Furtado realizou dezenas de viagens pela Amazônia, produzindo relatórios e documentos cartográficos. Como resultado, foram feitas 86 cartas empregando marcações cartográficas convencionais e indicações detalhadas de todos os pontos de referência, fortes, capitanias, caminhos, minas de ouro e ferro, cachoeiras e locais abandonados.

Expansão, administração e desenvolvimento comercial: sua solução foi bem descrita na correspondência secreta de Carvalho e Melo com o Governador do Estado do Brasil, Gomes Freire de Andrade: “Como a riqueza de todos os países consiste principalmente no número e na multiplicação das pessoas que os habitam, o número e a multiplicação são indispensáveis agora nas fronteiras do Brasil para sua defesa”. Mas como não via a possibilidade de deslocar pessoas dos grandes centros urbanos ou migrá-las de outras partes das colônias atlânticas, sua solução foi abolir "todas as diferenças entre índios e portugueses", para induzir os índios a se deslocarem da missão na Banda Oriental e para promover casamentos entre as raças.

Ajudou na conspiração que levou o padre Gabriel Malagrida a ser condenado à morte e na expulsão dos Jesuítas de Portugal, pois a questão da Companhia de Jesus com Pombal começara no Brasil, visto que ela denunciava a exploração da mão de obra indígena, o que incomodava a governança absoluta e causava a perda de rendimento para o Estado.

A Capitania de São José do Rio Negro 1755-1825

A Capitania de São José do Rio Negro foi criada no dia 03 de março de 1755. O objetivo era aumentar a presença administrativa portuguesa próximo das fronteiras estabelecidas pelo Tratado de Madri. Enquanto o meio irmão de Pombal governava o Estado do Grão Pará, o primeiro governador da capitania de São José do Rio Negro foi Joaquim de Mello e Póvoas. A capital foi instalada na vila de Muriuá e foi rebatizada como Vila de Barcelos.

“A Capitania de São José do Rio Negro sobreviveu até 1825, quando foi transformada em Comarca do alto Rio Negro, por decisão da Constituição outorgada pelo imperador do Brasil, Pedro I, sendo mudada, em 1833, para Comarca do Alto Amazonas, em



determinação das decisões do Código Criminal imposto pela Regência. Em 1850, foi elevada à categoria de Província por decreto imperial”.

Durante a segunda metade do século XVIII, a Capitania viveu grande prosperidade econômica, baseada na exploração de produtos agrícolas (consumo interno) e de Drogas do Sertão (exportação) na gestão do governador Manuel da Gama Lobo d'Almada, entre 1796 e 1799. Nessa época também se introduziu, nos campos naturais do rio Branco, o gado bovino.

A Presença da Igreja Católica na Região Amazônica no Período Colonial



Igreja de Santo Alexandre, em Belém do Pará. Na época o nome da capital era Feliz Lusitânia. De lá, Antônio Vieira administrou as missões jesuíticas pela Amazônia.



Naquela paragem, os portugueses ergueram uma fortificação denominada de Forte do Presépio, e batizaram a região de “**Feliz Luzitânia**”. Essa viagem serviu de trampolim para a ocupação do vasto território desconhecido a Oeste. Ajudados pelos **Tupinambás**, levantaram uma dupla linha de paliçada, repleta de areia, formando um parapeito do lado do mar, onde montaram dez peças da artilharia das que trouxeram da frota.

Graciete Costa. Fortes Portugueses na Amazônia

Na época, havia nas coroas ibéricas um forte espírito cruzadista. Eram os países mais católicos Europa e seus Estados eram associados à Igreja por meio do regime do Padroado, em que as duas instituições se uniram na colonização do “novo mundo”.

A Cia de Jesus, a ordem religiosa dos Jesuítas foi criada no concílio de Trento, logo após a reforma protestante. Na contrarreforma católica foram adotadas medidas para conter o avanço do protestantismo, entre elas, não o permitir nas colônias e enviar missões religiosas para a catequização do nativo.

A visão do colonizador era profundamente eurocêntrica. O encontro de culturas foi permeado de profundos choques. Os primeiros contatos da expedição colonizadora de Francisco Caldeira foram como os Tupinambás. A visão etnocêntrica europeia desumanizava qualquer um que não fosse europeu e cristão. Apesar dos primeiros contatos pacíficos, a intensão de escravizá-los tornaram-se evidentes.

Mais tarde, em 1617, os Tupinambás, liderados por um índio chamado “Cabelo de Velha”, reuniram-se para lutar contra os portugueses. Os Tupinambás colaboraram com os portugueses nos primeiros tempos, mas depois se rebelaram contra a tirania e a opressão dos colonizadores. Sem as armas de fogo dos invasores, os Tupinambás caíram nas mãos de renomados matadores de índios da história colonial da Amazônia: Bento Maciel Parente, Pedro Teixeira, Pedro da Costa Favela, Jerônimo Fragoso de Albuquerque, Francisco Caldeira Castelo Branco, e outros.

Os portugueses travaram lutas com os nativos da região, inicialmente nas aldeias de Cumá, Caju, Mortiguara (Conde), Iguape, Guamá (1617), onde massacraram as populações nativas. Em 1617, as aldeias Tupinambás foram arrasadas pelas tropas de guerra de Castelo Branco, passando pelo genocídio fomentado por Bento Maciel Parente de 1621 a 1626, e Álvaro de Souza, em 1635, que lutaram para tomar posse de seus domínios; assim, em pouco tempo, os Tupinambás estavam extintos. Os últimos migraram para as Ilhas de Tupinambarana, atual município amazonense de Parintins.

Graciete Costa. Fortes Portugueses na Amazônia

A Igreja Católica emitiu uma bula papal quando chegaram à América dizendo para não escravizar o nativo e sim expandir a fé cristã. As coroas ibéricas não emitiram declarações pela escravização dos nativos, tanto pelo padroado, quanto pelo comercio negreiro, que era muito mais lucrativo.



Um argumento usado pelos colonizadores era de que resistiam a colonização cristã e a fé católica, então, diante disso, seria legítimo escravizá-los. Era o argumento central do pensamento medieval da guerra justa, que pertencia a mentalidade cruzadista e expansionista europeia.

As Ordens Religiosas

As principais ordens religiosas a atuarem na Amazônia foram:

Carmelitas: chegaram a Belém em 1627 e logo se ocuparam dos índios do Solimões, rio Negro e rio Branco. Foram responsáveis por vários aldeamentos na região.

Capuchinhos: eram dos frades franciscanos, que foram divididos em dois grupos – os da Província de Santo Antônio, que se deslocaram do Maranhão para o Pará, em 1618, e os da Província da Piedade, que chegaram a Belém em 1693. Esses missionários foram responsáveis por vários aldeamentos do baixo Amazonas, Ilha do Marajó, rio Amazonas, da margem esquerda até as fronteiras com as Guianas, rios Nhamundá, Xingú e Trombetas, onde permaneceram até meados do século XVIII.

Mercedários: missionários da Ordem de Nossa Senhora das Mercês eram espanhóis que vieram do Peru, em 1639, na expedição do capitão-general Pedro Teixeira. Administravam poucos aldeamentos na região do baixo Amazonas e pequenas porções nos rios Urubu e Negro.

Jesuítas: missionários da Companhia de Jesus. Foram os mais influentes missionários a atuarem na Amazônia e em todo território brasileiro. Padre Antônio Vieira deu o início à presença da ordem no território Norte, quando foi designado prior da ordem na Amazônia, em 1653. Deste ano até o ano da sua expulsão, em 1759, os jesuítas dominaram a maior parte dos aldeamentos. Eles defendiam ardorosamente a liberdade dos índios, entraram até em polêmicas teológicas, como o debate que questionava se os índios tinham alma ou não – os jesuítas defendiam que sim, e esse era um argumento para a não escravização; apesar de se cegarem para a escravidão dos negros. Por causa da defesa da liberdade indígena, houve muitos conflitos entre colonos e missionários jesuítas, como veremos na sequência.

Os missionários jesuítas chegaram a ser expulsos do estado do Maranhão, em 1661, mas retornaram um ano depois. Tudo se deu em razão de atritos com os colonos em torno do uso da mão de obra indígena, cada parte interpretando a seu modo a legislação vigente e trocando acusações de excessos no trato com os nativos.



Os Capitães de Aldeia e o Regimento das Missões

Além das administrações clericais sobre o trabalho indígena, também havia os administradores do Estado, que designava os capitães de aldeia. Eram os responsáveis pelo controle e distribuição dos indígenas. Esse sistema foi introduzido em 1616 e já era adotada em outras partes da colônia.

Esse era um cargo muito importante, pois representava a maior autoridade da Coroa portuguesa nos núcleos coloniais, e como mandava a lei, eles deveriam ser escolhidos entre “os moradores de bons costumes”, pois seriam responsáveis pela aplicação da lei civil e penal, e por fiscalizar o pagamento dos salários, para que estes não fossem enganados pelos colonos.

Os colonos acusavam os missionários de quererem se apropriar da força de trabalho, utilizando-se do poder que possuíam junto à Coroa, com a intenção de prejudicá-los. Em determinado momento, a situação virou uma verdadeira guerra, forçando o Estado português a modificar a Lei e a passar o controle temporal dos indígenas para os missionários.

Os colonos reagiram e acusaram os missionários de não realizarem a repartição legal dos indígenas. Em 1661 eclodiu uma rebelião no estado do Maranhão, quando fazendeiros prenderam e expulsaram os jesuítas, mas eles retornam em seguida. Em 1663 outra lei foi editada.

Em 1680 um Decreto Real restabeleceu aos missionários o controle dos índios, acatando a sugestão do Padre Antônio Vieira de introduzir o negro na região como força de trabalho e na sequência, foi fundada a **Companhia Negreira do Pará e Maranhão**.

A Cia de Comércio do Maranhão e Grão Pará

Em 1682 foi criada a Companhia de Comércio do Maranhão e do Grão Pará, para fornecer mercadorias, comprar a produção local e estimular a agricultura e o comércio. Pretendiam introduzir 10.000 africanos escravizados em 20 anos. Era uma tentativa de estimular a economia e apaziguar os ânimos dos colonos revoltados com o controle dos padres. O mais famoso e emblemático foi a **Revolta de Beckman**, no Maranhão. Não eram separatistas, queriam o controle sobre os indígenas. Expulsaram os padres da região e se apossaram dos indígenas. Foram a Portugal para se defenderem perante o rei, mas foram condenados a força pela desobediência às leis metropolitanas. Após os conflitos e vários problemas em seu funcionamento, foi extinta em 1685.

Em 21 de dezembro de 1688, a Coroa portuguesa extinguiu definitivamente o sistema de Capitães de Aldeia, instituindo o **Regimento de Missões**, passando o controle da força de trabalho dos índios para os missionários, que se tornaram empresários bem-sucedidos.



A ação missionária originou vários povoados como Borba, Parintins, Barcelos e Itacoatiara. Os Carmelitas tiveram importante papel em aldear os índios que habitavam as redondezas do Forte de São José do Rio Negro, que deu origem a Manaus.

Missionários espanhóis também contribuíram para a colonização, ocupando o Alto Solimões e fundando aldeias que se tornaram Tefé, Coari e São Paulo de Olivença, mas foram expulsos em 1710.

Exercícios

1. (TRT-AM-RR 2024) No século XVII a Coroa portuguesa instituiu um modelo administrativo colonial, no Brasil

- A) que nomeava, para cada província, ouvidores encarregados da administração, auxiliados pelos chamados Juízes de fora que eram representantes da Coroa responsáveis pelo cumprimento da lei.
- B) segundo o qual a região Norte, até o limite imposto pelo Tratado de Tordesilhas, foi governada durante todo esse período pela Capitania Hereditária do Maranhão.
- C) estruturado em um Governo Geral que foi subdividido em dois governos: a Repartição do Norte e a do Sul, divisão que perdurou pouco tempo.
- D) que vinculava a atual região Norte a uma região administrativa autônoma, inicialmente denominada Estado do Maranhão; tendo São Luís como sua capital.
- E) baseado na concepção de vice-reino adotada também pela Espanha em suas colônias, que perdurou até a vinda da família real portuguesa.

Comentários:



A **alternativa D** está correta e é o gabarito da questão, pois a porta de entrada para a colonização da Amazônia foi o Maranhão. Após a expulsão dos franceses de São Luís, Portugal iniciou um processo de militarização e colonização da Amazônia. No século XVIII Pombal criou o Estado do Maranhão e Grão-Pará, depois desmembrou o Maranhão e a capital passou a ser Belém.

A **alternativa A** está incorreta, pois na colônia eram capitanias e as províncias só no império. Nos dois casos os governadores eram nomeados pelo rei

A **alternativa B** está incorreta, pois Tordesilhas é de 1594, antes da colonização. Quase todo o território amazônico era espanhol, mas Portugal foi colonizando e aos poucos ultrapassando os limites de Tordesilhas, principalmente durante a União Ibérica entre 1580 e 1640.

A **alternativa C** está incorreta, pois em 1750, Marquês de Pombal criou o Estado do Brasil e o Estado do Grão Pará e Maranhão, com capital em São Luís, depois em 1777, o Maranhão e Piauí foram desmembrados e tornou-se a capitania do Grão-Pará com capital em Belém.

A **alternativa E** está incorreta, pois a colonização foi por meio do modelo português de capitanias hereditárias e sesmarias.

2. (TRT-AM-RR 2024) Na Amazônia há, atualmente, mais de cem povos indígenas, dentre os quais são grupos populosos que habitam esta região

- A) Guarani e os Tukano
- B) Caingangues e os Mundurucu.
- C) Krenak e os Macux.
- D) Potiguara e os Pataxó.
- E) Yanomami e os Ticuna.

Comentários:

Os povos indígenas mais numerosos da Amazônia e se destacam no Amazonas, o estado com a maior população indígena e terras indígenas são os Yanomami, Tucano, Munduruku, Ticuna e Matis.





A **alternativa E** está correta e é o gabarito da questão, pois aponta corretamente os Yanomami e Ticuna.

A **alternativa A** está incorreta, pois os Guaranis são habitantes principalmente do litoral.

A **alternativa B** está incorreta, pois os Caiagang são indígenas da região Sul.

A **alternativa C** está incorreta, pois os Krenak são de MG, habitam a margem esquerda do Rio Doce, e são descendentes dos Botocudos, ou Aimorés.

A **alternativa D** está incorreta, pois os Potiguaras são indígenas do litoral do Nordeste, RN.

3. (FCC - DPE-RR - Auxiliar Administrativo) Na segunda metade do século XVIII, o território português que mais tarde constituiria o Estado de Roraima foi invadido pelos espanhóis. A solução encontrada pelos portugueses para defender o território foi

- A) a instalação da Fazenda de São Manuel.
- B) a construção do Forte São Joaquim.
- C) a fundação da vila de Boa Vista do Rio Branco.
- D) o povoamento com migrantes nordestinos.
- E) a aliança com os ingleses e holandeses.

Comentários:

A **alternativa correta é B**. O Forte São Joaquim foi construído no período pombalino para marcar a presença no território do Rio Branco e combater potenciais invasões espanholas e holandesas.

Incorretas:

- [a]** A fazenda XXX foram fundadas no contexto do Tratado de Madri e pretendiam colonizar a região através de fazendas estatais de gado em que trabalhavam como vaqueiros os indígenas Macuxis.
- [c]** A fundação de Boa Vista se originou do povoado de Nossa Senhora do Carmo em 1858, e era parte da província do Amazonas. Em 1887 tornou-se vila e foi nomeada de Boa Vista do Rio Branco. Quando o foi criado o Território Federal, foi escolhida para ser capital.



[d] O povoamento nordestino foi no ciclo da borracha entre o final do século XIX e o início do XX.

[e] Foram fundadas fortalezas, missões religiosas, introduziram a pecuária e a exploração de drogas do sertão para povoar o território e protegê-lo dos espanhóis, holandeses, e mais tarde dos ingleses.

4. (FCC/TCE-RO/PROCURADOR) Em 1750, redefiniu as fronteiras entre as Américas Portuguesa e Espanhola, anulando o estabelecido no Tratado de Tordesilhas: Portugal garantia o controle da maior parte da Bacia Amazônica, enquanto a Espanha controlava a maior parte da Bacia do Prata. Neste Tratado, o princípio do usucapião (*uti possidetis*), que quer dizer que a terra pertence a quem a ocupa, foi levado em consideração pela primeira vez.

Fonte: (<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/povoamento/index.html>)

Trata-se do Tratado de

- A) Santo Ildefonso.
- B) Badajós.
- C) Madri.
- D) Utrecht.
- E) Lisboa.

Comentários

A alternativa correta é C. O Tratado de Tordesilhas deixou de vigorar com o Tratado de Madri, assinado em 1750, que estabeleceu novos limites de divisão territorial para as colônias da América do Sul. Através dele, a Coroa portuguesa que quase todo o território brasileiro, pois vigorou o princípio *uti possidetis*, segundo o qual a terra pertencia ao país de origem dos homens que nela morassem.

5. (FCC /Adaptada) A História da Amazônia é condicionada pela floresta e especialmente pelos rios, que influenciaram profundamente o povoamento do território desde os paleoíndios, até as principais cidades surgidas até a primeira metade do século XX.

- A) não existiam grupos indígenas durante ou após o período de colonização nem após esse período.
- B) os migrantes que ocuparam o estado desde o século XIX são predominantemente nordestinos.
- C) a base econômica sempre esteve atrelada à produção agropecuária e não ao extrativismo.
- D) as ondas de ocupação agrícola e povoamento irradiaram-se na direção Norte-Sul e não Leste-Oeste.
- E) as principais correntes de povoamento acompanharam as margens dos rios, que direcionaram o desenvolvimento da rede urbana entre as principais cidades amazônicas, como Boa Vista, Manaus e Belém.

Comentários



A alternativa correta é E. A rede urbana amazônica é condicionada pelos rios até a primeira metade do século XX. Após os projetos rodoviários desde JK e os projetos de colonização nos governos militares integraram o território e passaram a direcionar os fluxos e o surgimento de novas cidades.

6. (FCC/ Adaptada) O processo de conquista e povoamento do espaço amazônico:

- A) ocorreu promovendo a fuga ou extermínio de inúmeras etnias que originalmente eram ocupantes primitivos da região.
- B) caracterizou-se pela rápida expansão de atividades agropecuárias que enriqueceram portugueses e espanhóis.
- C) foi diferenciado em relação a outras áreas do país porque não contou com a presença de bandeirantes e de missionários.
- D) esteve atrelado à introdução de escravos africanos para a exploração dos recursos naturais amazônicos.
- E) teve início no final do Segundo Império, através de grupos de militares cujo objetivo era defender as fronteiras brasileiras.

Comentários

A alternativa correta é A. Quando o Brasil ainda não havia sido descoberto por Portugal, a região amazônica já era habitada por muitas tribos de índios nativos, cuja população foi dominada, escravizada, expropriada e explorada por colonos e por ordens religiosas como a dos jesuítas, para realizarem a coleta de Drogas do Sertão. Bandeirantes escravizavam os indígenas para o trabalho nas lavouras.

7. (FCC/ PGE-RO) Entre 1647 e 1651, o bandeirante Antônio Raposo Tavares realizou uma das maiores expedições geográficas da história, uma viagem de São Paulo a Belém, percorrendo mais de 5.000 km pelos sertões do continente americano. Essa expedição revelou acessos do sul do Brasil para a Amazônia e a importância do Rio Madeira e sua ligação com os altiplanos andinos.

(Fonte: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-16072007-123916/en.php>)

Devido à posição estratégica, a Coroa portuguesa determinou a ocupação do vale do rio Madeira, entre outros, por

- A) mamelucos, nascidos no sertão nordestino, que buscavam fazer fortuna explorando escravos alforriados.
- B) indígenas já catequizados que fugiam da escravidão a que eram submetidos no Centro-Sul.
- C) bandeirantes enriquecidos com a exploração de ouro na região das Minas Gerais e do Mato Grosso.
- D) missionários religiosos, considerados agentes importantes no processo de conversão e conquista.
- E) aventureiros sulinos que não se adaptavam à vida nas estâncias onde predominava a pecuária de corte.

Comentários



A alternativa correta é D. A ocupação do vale do rio Madeira, do Mamoré e de toda a bacia amazônica foi através de missionários religiosos, predominantemente padres da Cia de Jesus, os padres jesuítas, cuja função era catequizar o indígena. Eram usados por Portugal para demarcar fronteiras. Sabendo disso eliminamos facilmente as alternativas. Na região do rio Negro destacam-se as missões dos Carmelitas.

8. (FCC/ Adaptada) Na Amazônia, durante o período colonial, a sociedade era comandada por uma elite branca que:

- A) era escravista e controlava as minas e lavras e ainda os altos cargos da administração pública.
- B) dominava as atividades agropastoris com o objetivo de dominar os mercados da Amazônia oriental.
- C) mantinha sob seu domínio amplos seringais que eram explorados por escravos negros trazidos do Sul.
- D) detinha o monopólio do comércio de manufaturados e agropecuária, porque controlava as rotas fluviais Amazonas-Guaporé.
- E) explorava a mão de obra indígena porque se recusava a importar escravos negros do Nordeste.

Comentários

A alternativa correta é A. A sociedade colonial era mestiça de branco, negro e indígena, sincrética, e dominada pelos “homens bons”, ou seja, brancos, proprietários e que não realizavam trabalhos manuais.

Incorretas:

[B] dominava as atividades econômicas especialmente a exploração das drogas do sertão para exportação e atividades agropastoris para o consumo interno.

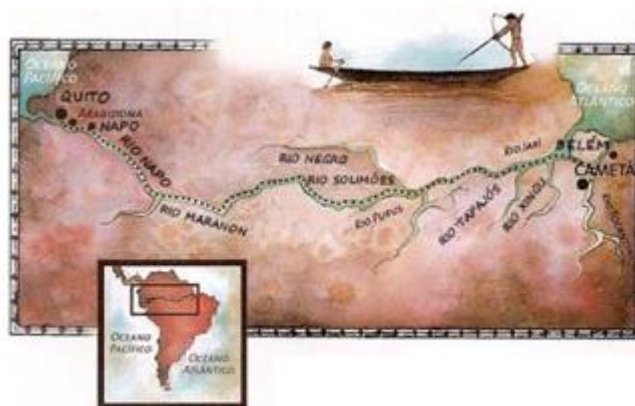
[C] os seringais foram explorados por indígenas que foram submetidos a escravidão e a trabalhos forçadamente, inicialmente na região do rio Beni, e por trabalhadores livres nordestinos, submetidos ao sistema de barracão, que endividava o seringueiro, entre o século XIX e XX.

[D] os brancos eram colonizadores que detinham direitos exclusivos de exploração devido ao pacto colonial.

[E] A escravidão negra foi estimulada pelos jesuítas e pelo Marquês de Pombal para movimentar o comércio metropolitano e ofertar mão de obra além do indígena. No final do século XIX a província do Amazonas proclamou a abolição da escravidão em 1884 e no Pará somente com a lei Áurea em 1888.

9. (FGV - SEFIN-RO) Analise a figura a seguir.





<http://blog.opovo.com.br/portugalsempassaporte/>

A respeito da importância da expedição de Pedro Teixeira (1637- 1639) para a conquista lusa do vale do Amazonas, assinale V para a afirmativa verdadeira e F para a falsa.

() Sua viagem de penetração visava ocupar a maior parte da bacia do Alto Amazonas, para forçar a Coroa de Castela a fazer uma aliança militar com Portugal.

() Suas iniciativas de povoamento, na viagem de retorno Quito-Belém, buscavam marcar a presença de Portugal além da linha limítrofe do Tratado de Tordesilhas.

() Sua expedição de reconhecimento viabilizou o estabelecimento de fortificações ao longo do percurso, como a do Real Forte Príncipe da Beira.

Na ordem apresentada, as afirmativas são, respectivamente,

- A) V - V - F.
- B) F - V - V.
- C) F - V - F.
- D) V - F - V.
- E) F - F - V.

Comentários

A alternativa correta é C.

(F) A expedição de Pedro Teixeira visava explorar o rio Amazonas, justamente por conta das histórias que havia sobre mulheres guerreiras e cavaleiras que habitavam a região. O explorador ia tomando posse das terras em nome do rei de Portugal, embora este Reino ainda estivesse sob o domínio espanhol. A expedição serviu também para reconhecimento da área, e procura por rotas para a região peruana. Na região, instalaram-se muitos fortes e missões religiosas a partir dessa expedição.



(V) Naquele momento estava em vigor a União Ibérica, quando as duas coroas estavam unidas sob o domínio espanhol

(F) O forte príncipe da beira não ficava no percurso pelo Amazonas, e sim em seu afluente da margem direita do rio Guaporé.

10. (FGV/DPE RO/Adaptada) Durante o processo de União Ibérica (1580/1640), Portugal avançou o seu território na América, resultando na transformação do espaço físico brasileiro que passou a ser continental. Tal processo de ocupação da Amazônia se deu pela presença dos jesuítas na região, buscando a catequização dos indígenas.

Acerca da conquista territorial e o sistema colonial português entre os séculos XVII e XVIII, um outro grupo responsável por esse processo foi:

- A) a elite açucareira interessada na ampliação dos engenhos de açúcar na região norte;
- B) a elite pecuarista que avançou da região sul em busca de melhores pastagens;
- C) os bandeirantes que buscavam a exploração econômica da região;
- D) os produtores de borracha interessados na riqueza oferecida pelo produto no exterior;
- E) os produtores de soja que tinham o interesse de ampliar a sua produção.

Comentários

A alternativa correta é C. Veja que a questão fala do período da União Ibérica (1580-1640). Atividades de mineração e preação dos indígenas

Erros:

[a] A elite açucareira não andou pela região norte em nenhum período da história do Brasil.

[b, e alternativa e] A expansão da pecuária e da soja para Rondônia é recente, data da segunda metade do século XX e do século XXI.

[d] O ciclo da borracha ocorreu nos séculos XIX e XX e não no período colonial.

11. (FGV/ TJ RO - Técnico Judiciário) A utilização da mão de obra escrava na região norte durante o período colonial brasileiro foi constante. Porém, a população frequentemente usada nesse processo escravista foi a indígena, e não a população negra. Sobre esse aspecto da escravidão na região norte ao longo do período colonial, é correto afirmar que:

- A) os negros não se adaptaram ao clima local e, por isso, não foram usados em larga escala;
- B) os jesuítas apoiaram a escravização dos indígenas na região e, por isso, a sua larga utilização na região;
- C) a baixa qualidade na produção da região não gerou a necessidade de escravização dos negros;
- D) o alto valor dos negros e o baixo lucro da região, se comparada ao açúcar, gerou a necessidade da utilização dos índios;
- E) a coroa portuguesa não permitiu a utilização de escravos indígenas na região norte.



Comentários

A alternativa correta é D. Os negros foram introduzidos como mão de obra, mas eram muito caros, pois eram muito valorizados, então mesmo que fossem comprados para o trabalho, os colonizadores usaram desde os primeiros tempos do estado a mão de obra indígena, tanto livre nas missões ou escravizada.

Erros:

[a] Nunca marque alternativas com raciocínios deterministas, como “não se adaptou ao clima ou à escravidão” e lembre-se que a escravidão africana era essencialmente mercantil. Os jesuítas protegiam os indígenas e por isso eram inimigos dos bandeirantes e viviam em conflito com os colonos.

[b e alternativa e] A Igreja era contrária à escravidão do nativo e a coroa portuguesa acompanhava a decisão, não estimulando a prática, e justificava a escravização do indígena pela ideia de “guerra justa”, ou seja, seria justo escravizar quem se recusa à conversão e colonização.

[d] Foram introduzidos pelas cias de comércio metropolitano e estimulado o uso da escravidão africana no período pombalino.

12. (CESGRANRIO/ TCE-RO - Administrador – 2007) Seres fantásticos que, segundo o imaginário europeu, habitavam as terras americanas



Théodore de Bry, Viagens à América: 1590 - 1634. Apud MOTA, Carlos Guilherme & LOPEZ, Adriana. Brasil revisitado: palavras e imagens. São Paulo, Rios, 1989. p. 24.

Os relatos espetaculares sobre a Amazônia, presentes nos depoimentos dos indígenas e nas crenças europeias, contrapunham, a todo momento, duas visões da nova terra: a idílica e a temível, a



paradisiaca e a trágica. Esse contraponto, na verdade, refletia o contexto histórico no qual estava inserido, significando que:

- A) a força dos nativos da Amazônia, proveniente de sua forte ligação com a natureza, comoveu e transformou o universo ideológico europeu do século XVI.
- B) o longo confronto entre Portugal e Espanha, decorrente da Guerra de Reconquista, perpetuava-se, na América, com a disputa de territórios além-mar.
- C) o encontro com o indígena significava, para o europeu, um estranhamento perante aquele desconhecido, sempre vitorioso nos conflitos iniciais, apesar de suas armas rudimentares.
- D) mesmo enfrentando dificuldades de toda sorte, a conquista da região significava alcançar riquezas materiais que as expedições da época moderna buscavam.
- E) quaisquer que fossem os perigos que a região apresentasse, deveriam ser enfrentados, pois esta era a vontade divina, tanto no que se refere ao europeu, como no imaginário nativo.

Comentários

A alternativa correta é D. Os europeus possuíam um profundo sentimento de superioridade – eurocentrismo, e exterminaram os indígenas desde os primeiros encontros, mais pelas doenças que pela superioridade militar, então eliminamos as alternativas **[A]** e **[C]**. A Guerra de Reconquista foi o conflito entre os reinos cristãos que deram origem a Portugal e Espanha contra os islâmicos que ocupavam o atual território destes países (península Ibérica). Foi um importante fator para a formação dos dois reinos e a expansão marítima que levou à colonização da América. Na guerra de Reconquista, portugueses e espanhóis eram aliados. Ocorreu ao longo do século XIV e XV, terminando em Portugal em 1383 e na Espanha em 1492 então eliminamos a **[B]** e a **[E]** é fácil eliminarmos, pois, os imaginários religiosos eram totalmente distintos. Fácil chegar na correta, que comenta que apesar de todas as dificuldades, mantiveram o objetivo de exploração do território e busca de metais preciosos.

13. (CESGRANRIO/ Adaptada) Leia o texto abaixo para responder à questão:

Durante o período colonial, a região do Vale do Guaporé foi foco de atenção do governo português, por sua situação limítrofe e pela atividade comercial que a caracterizava. Em consequência, nela se delineou uma estrutura social típica da colônia portuguesa.

Sobre a estrutura da Amazônia nesta época, é correto afirmar que:

- A) grande parte da população cativa resistiu à escravidão, de maneiras diversas: desde fugas, muitas vezes apoiadas pelos vizinhos castelhanos, até o aldeamento em quilombos.
- B) ao contrário do que ocorria nas demais regiões brasileiras, a elite branca era muito reduzida e possuía funções de caráter exclusivamente militar, ficando a classe média encarregada da organização política.



- C) parte da população escrava da região originou-se da migração de nordestinos na época do primeiro ciclo de extração do látex.
- D) a grande maioria dos trabalhadores dos Vales do Guaporé e do Madeira era de indígenas originários do Vale do Paraguai e submetidos à escravidão.
- E) a entrada de migrantes para trabalhar nos seringais e na construção da ferrovia Madeira-Mamoré promoveu a formação dos primeiros núcleos urbanos à margem dos rios.

Comentários

A alternativa correta é A. A sociedade colonial era a típica sociedade colonial portuguesa: Uma pequena elite branca, religiosa católica, senhora de terras homens e negócios; e a maioria da população constituída por negros, índios e mestiços.

Os indígenas e os africanos resistiram à escravidão de todas as formas possíveis, como fugas, quilombos, boicote ao trabalho, suicídio e aborto.

[b] Praticamente não existia classe média, ou era senhor ou escravo, e não havia exclusividade dos cargos militares.

[c] A população negra foi introduzida pelas atividades mercantis escravistas, e a migração nordestina só ocorreu na segunda metade do século XIX.

[d] Os trabalhadores, em sua maioria, eram mestiços – sobretudo de origem paulista - e africanos escravizados e fornecidos pelas companhias de comércio. A escravização do indígena foi uma constante, contudo não a maioria numérica (mais que a negra e menos que a mestiça).

[e] Até a segunda metade do século XX são as margens dos rios que direcionavam o povoamento.

- 14. (CEBRASPE/TJ RO) O recrutamento de colonos para povoar regiões consideradas estratégicas por Portugal em sua colônia americana foi uma das medidas políticas empreendidas pelo Marquês de Pombal, por meio de uma política colonial claramente mercantilista, com o objetivo de fortalecer o poder da realeza e reduzir históricos privilégios concedidos a comerciantes ingleses.**

Nesse sentido, a decisão tomada pelo governo de Lisboa de enviar colonos provenientes dos Açores e de Mazagão, no norte da África, para a região Norte brasileira foi motivada

- A) pela expansão da produção aurífera ao longo do século XVIII, cujo andamento das atividades dependia do fornecimento de gêneros alimentícios produzidos nos mais diversos pontos da colônia.
- B) pela necessidade de controle do território do Norte, que permitiria ao governo de Portugal ampliar seus domínios americanos e, a partir do mapeamento hidrográfico da Amazônia, controlar a estratégica bacia platina.
- C) pelo fato de as correntes migratórias externas poderem substituir, com vantagem, as populações nativas que, nesse contexto, haviam sido dizimadas em larga medida.



D) pelo comprovado sucesso do emprego de mão de obra imigrante nas lavouras de café no centro-sul da colônia, fato que indicava bons prognósticos para sua utilização na Amazônia.

E) pela urgente necessidade de povoar o Norte do Brasil, uma vez que, em face da crescente pressão exercida por Inglaterra, França e Holanda, era preciso integrar a área às demais regiões da colônia.

Comentários

A alternativa correta é E. O território atual do Brasil é quase três vezes maior que aquele delimitado pelo Tratado de Tordesilhas. O pequeno reino português conseguiu um feito memorável de em menos de três séculos expandir territorialmente a colônia brasileira pela maior parte da América do Sul. Nesta expansão territorial, tratava-se de ocupar, povoar e controlar os territórios penetrados. Para isto, Portugal enviava colonos as frentes de expansão, seja no Norte, oeste ou sul do Brasil.

Erros:

[a] pela necessidade de defesa da foz do Amazonas.

[b] controlar a foz do Amazonas, a Platina estava distante, no caso, o rio Paraguai.

[c] As grandes correntes migratórias para a Amazônia foram a partir do ciclo da borracha.

[d] necessidade de defesa ante ameaças holandesas, francesas e inglesas.

15. (FUNCAB/) Durante o período colonial, a porção norte do território brasileiro, na qual se encontra o atual Estado de Rondônia, não despertou interesse à metrópole a não ser pelas “drogas do sertão”. Podemos dizer que são elas:

A) sal, seda e açúcar;

B) açúcar e especiarias nativas;

C) açúcar, sal e baunilha;

D) cravo, canela e baunilha;

E) baunilha, açúcar e cravo.

Comentários

A alternativa correta é D. Drogas do Sertão é um termo que se refere a determinadas especiarias extraídas da Floresta Amazônica na época das entradas e das bandeiras. As "drogas" eram produtos nativos do Brasil, que não existiam na Europa e, por isso, atraíam o interesse dos europeus que as consideravam como novas especiarias. As principais drogas do sertão eram o cacau, baunilha, canela, castanha-do-pará, cravo, guaraná, pau-cravo e urucum.



Lista de Questões

1. (TRT-AM-RR 2024) No século XVII a Coroa portuguesa instituiu um modelo administrativo colonial, no Brasil

A) que nomeava, para cada província, ouvidores encarregados da administração, auxiliados pelos chamados Juízes de fora que eram representantes da Coroa responsáveis pelo cumprimento da lei.

B) segundo o qual a região Norte, até o limite imposto pelo Tratado de Tordesilhas, foi governada durante todo esse período pela Capitania Hereditária do Maranhão.

C) estruturado em um Governo Geral que foi subdividido em dois governos: a Repartição do Norte e a do Sul, divisão que perdurou pouco tempo.

D) que vinculava a atual região Norte a uma região administrativa autônoma, inicialmente denominada Estado do Maranhão; tendo São Luís como sua capital.

E) baseado na concepção de vice-reino adotada também pela Espanha em suas colônias, que perdurou até a vinda da família real portuguesa.

2. (TRT-AM-RR 2024) Na Amazônia há, atualmente, mais de cem povos indígenas, dentre os quais são grupos populosos que habitam esta região

A) Guarani e os Tukano

B) Caingangues e os Mundurucu.

C) Krenak e os Macux.



D) Potiguar e os Pataxó.

E) Yanomami e os Ticuna.

3. (FCC - DPE-RR - Auxiliar Administrativo) Na segunda metade do século XVIII, o território português que mais tarde constituiria o Estado de Roraima foi invadido pelos espanhóis. A solução encontrada pelos portugueses para defender o território foi

A) a instalação da Fazenda de São Manuel.

B) a construção do Forte São Joaquim.

C) a fundação da vila de Boa Vista do Rio Branco.

D) o povoamento com migrantes nordestinos.

E) a aliança com os ingleses e holandeses.

4. (FCC/TCE-RO/PROCURADOR) Em 1750, redefiniu as fronteiras entre as Américas Portuguesa e Espanhola, anulando o estabelecido no Tratado de Tordesilhas: Portugal garantia o controle da maior parte da Bacia Amazônica, enquanto a Espanha controlava a maior parte da Bacia do Prata. Neste Tratado, o princípio do usucapião (*uti possidetis*), que quer dizer que a terra pertence a quem a ocupa, foi levado em consideração pela primeira vez.

Fonte: (<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/povoamento/index.html>)

Trata-se do Tratado de

A) Santo Ildefonso.

B) Badajós.

C) Madri.

D) Utrecht.

E) Lisboa.

5. (FCC /Adaptada) A História da Amazônia é condicionada pela floresta e especialmente pelos rios, que influenciaram profundamente o povoamento do território desde os paleoíndios, até as principais cidades surgidas até a primeira metade do século XX.

A) não existiam grupos indígenas durante ou após o período de colonização nem após esse período.

B) os migrantes que ocuparam o estado desde o século XIX são predominantemente nordestinos.

C) a base econômica sempre esteve atrelada à produção agropecuária e não ao extrativismo.

D) as ondas de ocupação agrícola e povoamento irradiaram-se na direção Norte-Sul e não Leste-Oeste.



E) as principais correntes de povoamento acompanharam as margens dos rios, que direcionaram o desenvolvimento da rede urbana entre as principais cidades amazônicas, como Boa Vista, Manaus e Belém.

6. (FCC/ Adaptada) O processo de conquista e povoamento do espaço amazônico:

- A) ocorreu promovendo a fuga ou extermínio de inúmeras etnias que originalmente eram ocupantes primitivos da região.
- B) caracterizou-se pela rápida expansão de atividades agropecuárias que enriqueceram portugueses e espanhóis.
- C) foi diferenciado em relação a outras áreas do país porque não contou com a presença de bandeirantes e de missionários.
- D) esteve atrelado à introdução de escravos africanos para a exploração dos recursos naturais amazônicos.
- E) teve início no final do Segundo Império, através de grupos de militares cujo objetivo era defender as fronteiras brasileiras.

7. (FCC/ PGE-RO) Entre 1647 e 1651, o bandeirante Antônio Raposo Tavares realizou uma das maiores expedições geográficas da história, uma viagem de São Paulo a Belém, percorrendo mais de 5.000 km pelos sertões do continente americano. Essa expedição revelou acessos do sul do Brasil para a Amazônia e a importância do Rio Madeira e sua ligação com os altiplanos andinos.

(Fonte: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-16072007-123916/en.php>)

Devido à posição estratégica, a Coroa portuguesa determinou a ocupação do vale do rio Madeira, entre outros, por

- A) mamelucos, nascidos no sertão nordestino, que buscavam fazer fortuna explorando escravos alforriados.
- B) indígenas já catequizados que fugiam da escravidão a que eram submetidos no Centro-Sul.
- C) bandeirantes enriquecidos com a exploração de ouro na região das Minas Gerais e do Mato Grosso.
- D) missionários religiosos, considerados agentes importantes no processo de conversão e conquista.
- E) aventureiros sulinos que não se adaptavam à vida nas estâncias onde predominava a pecuária de corte.

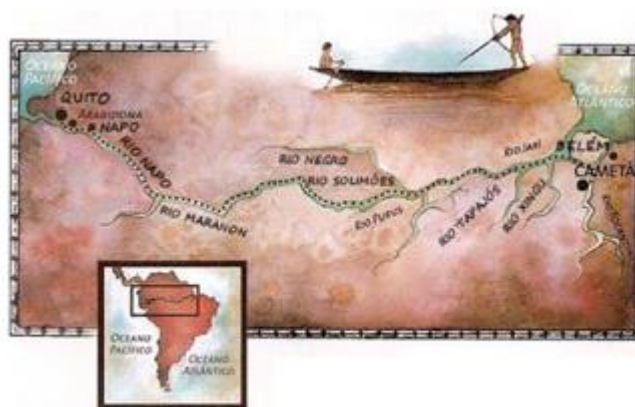
8. (FCC/ Adaptada) Na Amazônia, durante o período colonial, a sociedade era comandada por uma elite branca que:

- A) era escravista e controlava as minas e lavras e ainda os altos cargos da administração pública.
- B) dominava as atividades agropastoris com o objetivo de dominar os mercados da Amazônia oriental.
- C) mantinha sob seu domínio amplos seringais que eram explorados por escravos negros trazidos do Sul.
- D) detinha o monopólio do comércio de manufaturados e agropecuária, porque controlava as rotas fluviais Amazonas-Guaporé.



E) explorava a mão de obra indígena porque se recusava a importar escravos negros do Nordeste.

9. (FGV - SEFIN-RO) Analise a figura a seguir.



A respeito da importância da expedição de Pedro Teixeira (1637- 1639) para a conquista lusa do vale do Amazonas, assinale V para a afirmativa verdadeira e F para a falsa.

() Sua viagem de penetração visava ocupar a maior parte da bacia do Alto Amazonas, para forçar a Coroa de Castela a fazer uma aliança militar com Portugal.

() Suas iniciativas de povoamento, na viagem de retorno Quito-Belém, buscavam marcar a presença de Portugal além da linha limítrofe do Tratado de Tordesilhas.

() Sua expedição de reconhecimento viabilizou o estabelecimento de fortificações ao longo do percurso, como a do Real Forte Príncipe da Beira.

Na ordem apresentada, as afirmativas são, respectivamente,

- A) V - V - F.
- B) F - V - V.
- C) F - V - F.
- D) V - F - V.
- E) F - F - V.

10. (FGV/DPE RO/Adaptada) Durante o processo de União Ibérica (1580/1640), Portugal avançou o seu território na América, resultando na transformação do espaço físico brasileiro que passou a ser continental. Tal processo de ocupação da Amazônia se deu pela presença dos jesuítas na região, buscando a catequização dos indígenas.



Acerca da conquista territorial e o sistema colonial português entre os séculos XVII e XVIII, um outro grupo responsável por esse processo foi:

- A) a elite açucareira interessada na ampliação dos engenhos de açúcar na região norte;
- B) a elite pecuarista que avançou da região sul em busca de melhores pastagens;
- C) os bandeirantes que buscavam a exploração econômica da região;
- D) os produtores de borracha interessados na riqueza oferecida pelo produto no exterior;
- E) os produtores de soja que tinham o interesse de ampliar a sua produção.

11. (FGV/ TJ RO - Técnico Judiciário) A utilização da mão de obra escrava na região norte durante o período colonial brasileiro foi constante. Porém, a população frequentemente usada nesse processo escravista foi a indígena, e não a população negra. Sobre esse aspecto da escravidão na região norte ao longo do período colonial, é correto afirmar que:

- A) os negros não se adaptaram ao clima local e, por isso, não foram usados em larga escala;
- B) os jesuítas apoiaram a escravização dos indígenas na região e, por isso, a sua larga utilização na região;
- C) a baixa qualidade na produção da região não gerou a necessidade de escravização dos negros;
- D) o alto valor dos negros e o baixo lucro da região, se comparada ao açúcar, gerou a necessidade da utilização dos índios;
- E) a coroa portuguesa não permitiu a utilização de escravos indígenas na região norte.

12. (CESGRANRIO/ TCE-RO - Administrador – 2007) Seres fantásticos que, segundo o imaginário europeu, habitavam as terras americanas



Théodore de Bry, Viagens à América: 1590 - 1634. Apud MOTA, Carlos Guilherme & LOPEZ, Adriana. Brasil revisitado: palavras e imagens. São Paulo, Rios, 1989. p. 24.



Os relatos espetaculares sobre a Amazônia, presentes nos depoimentos dos indígenas e nas crenças europeias, contrapunham, a todo momento, duas visões da nova terra: a idílica e a temível, a paradisíaca e a trágica. Esse contraponto, na verdade, refletia o contexto histórico no qual estava inserido, significando que:

- A) a força dos nativos da Amazônia, proveniente de sua forte ligação com a natureza, comoveu e transformou o universo ideológico europeu do século XVI.
- B) o longo confronto entre Portugal e Espanha, decorrente da Guerra de Reconquista, perpetuava-se, na América, com a disputa de territórios além-mar.
- C) o encontro com o indígena significava, para o europeu, um estranhamento perante aquele desconhecido, sempre vitorioso nos conflitos iniciais, apesar de suas armas rudimentares.
- D) mesmo enfrentando dificuldades de toda sorte, a conquista da região significava alcançar riquezas materiais que as expedições da época moderna buscavam.
- E) quaisquer que fossem os perigos que a região apresentasse, deveriam ser enfrentados, pois esta era a vontade divina, tanto no que se refere ao europeu, como no imaginário nativo.

13. (CESGRANRIO/ Adaptada) Leia o texto abaixo para responder à questão:

Durante o período colonial, a região do Vale do Guaporé foi foco de atenção do governo português, por sua situação limítrofe e pela atividade comercial que a caracterizava. Em consequência, nela se delineou uma estrutura social típica da colônia portuguesa.

Sobre a estrutura da Amazônia nesta época, é correto afirmar que:

- A) grande parte da população cativa resistiu à escravidão, de maneiras diversas: desde fugas, muitas vezes apoiadas pelos vizinhos castelhanos, até o aldeamento em quilombos.
- B) ao contrário do que ocorria nas demais regiões brasileiras, a elite branca era muito reduzida e possuía funções de caráter exclusivamente militar, ficando a classe média encarregada da organização política.
- C) parte da população escrava da região originou-se da migração de nordestinos na época do primeiro ciclo de extração do látex.
- D) a grande maioria dos trabalhadores dos Vales do Guaporé e do Madeira era de indígenas originários do Vale do Paraguai e submetidos à escravidão.
- E) a entrada de migrantes para trabalhar nos seringais e na construção da ferrovia Madeira-Mamoré promoveu a formação dos primeiros núcleos urbanos à margem dos rios.

14. (CEBRASPE/TJ RO) O recrutamento de colonos para povoar regiões consideradas estratégicas por Portugal em sua colônia americana foi uma das medidas políticas empreendidas pelo Marquês de Pombal, por meio de uma política colonial claramente mercantilista, com o objetivo de fortalecer o poder da realeza e reduzir históricos privilégios concedidos a comerciantes ingleses.



Nesse sentido, a decisão tomada pelo governo de Lisboa de enviar colonos provenientes dos Açores e de Mazagão, no norte da África, para a região Norte brasileira foi motivada

- A) pela expansão da produção aurífera ao longo do século XVIII, cujo andamento das atividades dependia do fornecimento de gêneros alimentícios produzidos nos mais diversos pontos da colônia.
- B) pela necessidade de controle do território do Norte, que permitiria ao governo de Portugal ampliar seus domínios americanos e, a partir do mapeamento hidrográfico da Amazônia, controlar a estratégica bacia platina.
- C) pelo fato de as correntes migratórias externas poderem substituir, com vantagem, as populações nativas que, nesse contexto, haviam sido dizimadas em larga medida.
- D) pelo comprovado sucesso do emprego de mão de obra imigrante nas lavouras de café no centro-sul da colônia, fato que indicava bons prognósticos para sua utilização na Amazônia.
- E) pela urgente necessidade de povoar o Norte do Brasil, uma vez que, em face da crescente pressão exercida por Inglaterra, França e Holanda, era preciso integrar a área às demais regiões da colônia.

15. (FUNCAB/) Durante o período colonial, a porção norte do território brasileiro, na qual se encontra o atual Estado de Rondônia, não despertou interesse à metrópole a não ser pelas “drogas do sertão”. Podemos dizer que são elas:

- A) sal, seda e açúcar;
- B) açúcar e especiarias nativas;
- C) açúcar, sal e baunilha;
- D) cravo, canela e baunilha;
- E) baunilha, açúcar e cravo.

Considerações Finais

Muito bem, querido concurseiro. Se chegou até aqui é um bom sinal: o de que tentou praticar todos os exercícios. Não se esqueça da importância de ler a teoria completa e sempre consultá-la. Não esqueça dos seus objetivos e dedique-se com toda a força para alcançá-los. Sonhe alto, pois “quem sente o impulso de voar, nunca mais se contentará em rastejar”.

Até logo...



Prof. Sérgio Henrique Lima Reis.

JUNTOS ATÉ A APROVAÇÃO



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.